

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

JOSÉ MÁRIO GALDINO DA SILVA

FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE: entre o *mythos* e o *logos*

São Paulo, maio de 2012.

JOSÉ MÁRIO GALDINO DA SILVA

FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE: entre o *mythos* e o *logos*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final no Curso de especialização
em Ciências da Religião da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Lima Vasconcellos

SÃO PAULO, 2012

Silva, José Mário Galdino da

Fundamentalismo protestante: entre o *mythos* e o *logos*. Jose Mario Galdino da Silva – São Paulo, 2012.

30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências da Religião) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1. Iluminismo. Teologia liberal. Fundamentalismo. 2. Mito.
3. Logos. 4. Gênero Literário. 4. Pecado.

I. Título

José Mário Galdino da Silva

FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE: entre o *mythos* e o *logos*

BANCA EXAMINADORA

Pedro Lima Vasconcellos

DEDICATÓRIA

À minha esposa Bernadete,
que me apoiou incondicionalmente.

Aos meus filhos: Evelyn e Paulo,
que foram pacientes enquanto eu me dedicava aos estudos.

Ao meu professor e orientador Pedro,
que me inspirou durante suas aulas e orientações.

RESUMO

Em virtude das mudanças na forma de pensar e conceber o mundo, e com a evolução das ciências no período compreendido entre o Renascimento e o Iluminismo, a humanidade aos poucos vai deixando sua cosmovisão antiga e passa a contemplar novos valores baseados na racionalidade. Até a Idade Média prevaleceu no Ocidente o teocentrismo¹. Com o advento do Renascimento o ser humano passa do teocentrismo ao antropocentrismo², e caminha em direção à Era Moderna se utilizando cada vez mais dos métodos racionais. O racionalismo privilegia a razão (*logos*) em detrimento da experiência do mundo sensível como fonte de acesso ao conhecimento, que seria o mundo da fé e do *mythos*. A “era da razão” atinge seu ápice no Iluminismo, afetando a cosmovisão religiosa ao abordar questões até então impensadas. Alguns teólogos passam a adotar os critérios da ciência, submetendo a dimensão mítica e ritualística do cristianismo ocidental a objeto de verificação empírica, racional e histórica da ciência moderna. Deixando para trás o criacionismo, ganha crédito entre teólogos, o evolucionismo de Charles Darwin. Teólogos liberais e fundamentalistas vão estabelecer debates acalorados e influenciar o mundo com suas ideologias.

Palavras-chave: modernidade, Iluminismo, racionalismo, religião, teologia liberal, fundamentalismo, Bíblia, criacionismo, evolucionismo, mito e *logos*.

¹ Concepção que concebia Deus como o centro do universo.

² Nesta concepção ao invés de Deus, concebe o homem como centro do universo.

*Quando vejo a cegueira e a miséria humana,
quando esquadrinho todo o universo em sua inércia
e o homem abandonado à própria sorte, sem luz,
como se estivesse perdido nesse canto do universo,
sem saber quem o pôs ali,
o que tem de fazer,
o que será dele quando morrer,
incapaz de saber qualquer coisa,
fico aterrorizado,
como alguém que, dormindo, foi transportado para uma apavorante ilha deserta e,
ao despertar, se vê perdido, sem ter como escapar.
Então admiro que tamanha miséria não leve as pessoas ao desespero.*

(Pascal)

*Nenhum mortal deve alçar seu orgulho acima de sua condição humana...
Pois Zeus é o vingador dos pensamentos soberbos
e exige estreita conta destes.*

(Ésquilo – Os Persas)

*Se martelo com muita delicadeza,
por mais prazeroso que seja,
não consigo fabricar uma boa roda.
Se martelo furiosamente, logo me canso e a coisa não funciona!
Portanto, nem muita delicadeza, nem muita força.
Pego-a na mão e a retenho no coração.
Não sei exprimir isso com palavras, só sei que é assim.*

(Zhuangzi)

Sumário

Introdução	9
1. <i>MYTHOS</i> : uma maneira de compreender o mundo	11
1.1 Os textos mítico-poéticos.....	14
1.2 Os literalistas e o problema com o <i>mythos</i>	16
2. <i>LOGOS</i> : uma nova maneira de explicar o mundo	21
2.1 A teologia protestante liberal	23
2.2 Filósofos proponentes de uma teologia filosófica.....	25
3. FUNDAMENTALISMO: entre o <i>Mythos</i> e o <i>Logos</i>	29
3.3 A crença americana de um povo eleito e a satanização da Inglaterra.....	35
3.1 O fundamentalismo protestante: negligência aos <i>mythos</i>	38
3.2 Antecedentes históricos do fundamentalismo protestante	38
3.3 Teólogos que contribuíram para o fundamentalismo protestante	40
3.4 Marcos do fundamentalismo protestante	42
A – Conferências Bíblicas de Niágara	42
B – A Bíblia de Estudos de Scofield	42
C – Obra: Os Fundamentos	43
D – A participação na esfera pública e o fim do fundamentalismo primitivo	45
E – Explicações científicas para validar o criacionismo	48
F – Proibições e interferências do fundamentalismo na Suprema Corte.....	48
3.7 O segundo grande despertar	49
3.8 Singularidades dos fundamentalismos	50
Considerações finais	51
Referência Bibliográfica	55

Introdução

Após os ataques às torres gêmeas em onze de setembro de 2001 nos Estados Unidos, o fundamentalismo religioso ganhou destaque na imprensa internacional e o mundo passou a ver alguns grupos religiosos com certa desconfiança. O fundamentalismo não é privilégio apenas das religiões, muitos seguimentos da sociedade estabelecem seus fundamentos a partir de ideologias ou pontos de vistas radicais, geralmente ignorando as opiniões alheias em nome de uma “verdade absoluta”. Entre os cristãos há um grupo com características semelhantes, trata-se dos fundamentalistas protestantes. Evidentemente, nem todos admitiriam sê-lo. Às vezes esse termo é utilizado de forma pejorativa, o que explicaria a sua rejeição. Atualmente se aplica a alguns grupos religiosos espalhados pelo mundo, porém em nosso recorte, interessa-nos os evangélicos que interpretam as Escrituras Sagradas de forma literal e sempre em oposição às explicações da ciência e em especial ao evolucionismo. Estes também são chamados de literalistas.

No primeiro capítulo será apresentado o *mythos* como uma forma de se explicar mundo. Algumas religiões equiparam esse gênero literário a contos infantis, reservando a eles um lugar inferior, tratando as narrativas bíblicas como fatos históricos e jamais como mitológicos. Os mitos bíblicos serão contemplados, abordando a rejeição dos fundamentalistas a esse gênero. É fato que alguns teólogos protestantes fundamentalistas nem sequer admitem que haja mitos na Bíblia, mas contrário a essa maneira de lidar com a Bíblia, o Teólogo Milton Schwantes se debruçou sobre o assunto e publicou a obra *projeto de Esperança: meditações sobre gênesis 1–11*. A partir de olhares como o do Professor Milton é possível encontrar nos mitos bíblicos, sentido para a vida, sem desmerecer as Escrituras Sagradas ou perder a fé. É possível dialogar com a ciência como também é possível interpretar os mitos bíblicos extraíndo deles as lições essenciais para o crescimento humano.

No capítulo dois será abordado o *logos*, traduzido (passando do grego pelo latim *ratio*) por “razão”, como a nova maneira de explicar o mundo, historicamente em oposição ao *mythos*. Em consequência do advento do pensamento racional e da evolução da ciência, aos poucos o *mythos* vai cedendo lugar ao *logos* ao ponto deste alcançar o pensamento teológico. Teólogos protestantes liberais perceberam a necessidade de se avançar rumo ao futuro em consonância com o pensamento moderno e assim o fizeram. A ciência passava a ser agente reguladora de uma nova fase da humanidade, a modernidade. Os princípios científicos cada vez mais

ganhavam status de superioridade. Em 1859 ao ser publicado pelo biólogo inglês Charles Darwin *A origem das espécies*, percebeu-se que ciência e religião estavam se afastando do diálogo, cabendo aos teólogos construir uma linguagem de aproximação entre as duas. Os liberais acompanharam a evolução da humanidade, porém, os ortodoxos não veem com bons olhos e se opõem a eles. Muitos intelectuais acreditavam que a religião com seus conceitos míticos estariam com os dias contados e que o pensamento racional encontraria respostas para as questões ainda insolúveis. Havia uma crença por demais otimista em relação à ciência, conseqüentemente esperava-se que a religião e seus mitos aos poucos cedessem lugar ao *logos*. Mas não foi o que aconteceu. A religião continua até os dias atuais e os mitos ganham significados antes negligenciados por alguns segmentos cristãos.

O fundamentalismo protestante será assunto do terceiro capítulo. *Mythos* e *logos* não necessariamente são antagônicos, mas para os protestantes fundamentalistas a Bíblia não contém *mythos*. A falta de entendimento do que é *mythos* constitui um dos problemas do fundamentalismo protestante em relação a alguns textos bíblicos, como por exemplo, Gênesis de 1–11. A modernidade deu muita importância aos métodos científicos. A Arqueologia e a História, por exemplo, trouxeram grande contribuição para descobrir civilizações antigas e como estas se comportavam. Uma das contribuições das ciências modernas foram os achados do Mar Morto. Em 1947, logo após a Segunda Guerra Mundial, pesquisadores encontraram nas cavernas de Qumram, próximo ao mar morto, fragmentos bíblicos antigos. Utilizando-se métodos científicos puderam datá-los e comprovar sua autenticidade. Para os cristãos protestantes literalistas, esses achados servem para confirmar suas teorias de que a Bíblia tinha razão. Comprovar fatos através de métodos científicos é algo maravilhoso, mas o que fazer com textos muito antigos narrados de forma especial que não oferecem possibilidade de comprovação pela ciência? As primeiras narrativas bíblicas encontram-se entre esses textos. Muitos cristãos querem explicá-los como se fossem fatos históricos. Os fundamentalistas protestantes desejam a todo custo atribuir fatuidade a Gênesis de 1–11 negando a possibilidade de serem textos mitológicos.

1. MYTHOS: uma maneira de compreender o mundo

Muitos estudiosos da Bíblia reconhecem os primeiros onze capítulos do livro de Gênesis como narrativas mítico-poéticas, posição que fere sobremaneira os evangélicos literalistas ou fundamentalistas. Alguns fazem questão de afirmar que a Bíblia não tem mitos, tudo que está escrito é a mais pura verdade, como se mito fosse o inverso de verdade. Preferem o texto do historiador ao do poeta. Vale salientar que enquanto o historiador intenciona narrar o que aconteceu, o poeta narra o que poderia ter acontecido de modo necessário e suficiente. Como afirma Eliade: “Para o homem religioso, o essencial precede a existência” (ELIADE, 1963, p. 81) Portanto, a compreensão correta do gênero mito, principalmente os mitos de criação, contribui sobremaneira na interpretação de alguns textos da Bíblia. Este é o caso de Rudolf Bultmann, que escreveu vários livros sobre o assunto: *Demitologização; Jesus Cristo e Mitologia; Crer e compreender: ensaios selecionados e Milagre*. Sua hermenêutica trata os textos bíblicos a partir de uma leitura existencialista. Portanto é possível fazer uma leitura contextualizada da mensagem bíblica considerando o gênero literário, o contexto da época e outras questões sem exigir do leitor o sacrifício do intelecto em nome da fé.

A história da humanidade tem testemunhado os movimentos sociais e religiosos similares aos movimentos pendulares, ora se afastando do centro em uma direção, ora se voltando em direção contrária, mas ao passar pelo centro faz releituras, trazendo sempre inovações. Lembra a terceira lei de Newton, conhecida como o princípio da ação e reação. “A toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade em direções opostas”. Como esse postulado da física, os movimentos religiosos às vezes se comportam de forma semelhante. Para as religiões em geral *mythos* e *logos* são complementares. Para os fundamentalistas protestantes são categorias distintas e antagônicas. É como se em uma extremidade estivesse o *mythos* e na outra o *logos*. A historiadora da religião Karen Armstrong entende que “nas questões religiosas a razão muitas vezes desempenhou um papel importante, ainda que secundário. Mas a nova tendência de alguns movimentos protestantes a afastar ou até mesmo eliminar a razão (um processo que remonta a Lutero) levou a uma irracionalidade alarmante” (2009, p. 115).

Assim como o movimento pendular supracitado, no século XVII nos Estados Unidos configurava-se uma nova forma de religiosidade. Comunidades dissidentes da velha religião europeia organizavam-se em torno de uma centralização modernizadora, mas coercitiva.

Seitas dissidentes como os quakers³, os batistas e os presbiterianos, que originalmente rejeitaram a autoridade eclesiástica e insistiram no direito de seguir seus próprios líderes fundaram em Filadélfia assembleias que vigiavam as comunidades locais, supervisionavam o clero, avaliavam os pregadores e reprimiam heresias (ARMSTRONG, 2009, p. 115).

O *mythos* para algumas religiões ocupa um lugar inferior. Nem todo cristão entende ou confere o devido valor ao mito. O *mythos* auxilia o ser humano em sua jornada sobre a terra. Mas em alguns ambientes são vistos pejorativamente como contos de fada ou composições infantis sem muita importância, não é visto com devido o valor. Karen Armstrong ressalta que em grande parte das culturas pré-modernas havia duas formas de pensar, falar e adquirir conhecimento.

Os gregos as chamavam de *mythos* e *logos*. Ambas eram essenciais, e não se considerava uma superior à outra; elas não conflitavam, mas se complementavam. Cada qual tinha sua esfera de competência, e era tolice misturá-las. O *logos* (razão) era a forma pragmática de pensar que permitia uma atuação eficaz das pessoas no mundo. Tinha, pois, de corresponder com exatidão à realidade exterior. O homem sempre precisou do *logos* para produzir uma arma eficiente, organizar sua sociedade ou planejar uma expedição (ARMSTRONG, 2011, p. 11).

O *logos* tem o seu papel na sociedade, pois é essencial para a sobrevivência da espécie. Ele apresenta possibilidades quanto à dominação do meio ambiente e no aprimoramento das ideias antigas, reinventando-as e abrindo janelas para o novo. Contudo não é pleno em si mesmo, tem as suas limitações. Diante do sofrimento e da morte não se recorre ao *logos*, mas ao *mythos*, pois só ele é capaz de oferecer respostas e dar significação para as questões últimas da vida. Com o advento da modernidade, deu-se atenção especial ao *logos* científico, e ao *mythos* reservou-se uma função inferior. Atualmente há um programa da *Discovery Channel*, também apresentado em TV aberta no Brasil, chamado: *Os Caçadores de Mitos*, apresentado por Jamie Hyneman e Adam Savage. Nesse programa apresenta-se um enigma a

³ Também conhecidos como Sociedade dos Amigos. Ala radical do movimento puritana inglesa organizada por volta de 1647 por George Fox. Em inglês *quaker*. *To quake* “tremar”, ou quake, “tremor”. Possivelmente por causa da exortação atribuída ao fundador “Honrai a Deus e tremei diante de sua palavra”. Karen Armstrong refere-se “aos que tremem”, pois “costumavam extravasar com veemência seus transportes religiosos: tremiam, uivavam e gritavam”.

ser investigado, utilizando-se experimentos científicos. Ao final da experiência, a teoria é comprovada ou desmentida. A intenção é saber se a teoria é verdade ou mito. Para os idealizadores do programa o mito se opõe às comprovações científicas e está em oposição a verdade. Talvez a melhor palavra a ser utilizada no programa seria lenda ou boato ao invés de mito.

O *mythos* se propõe a responder as questões complexas e enigmáticas da condição humana, questões que não são da competência do *logos*. Desempenha importantíssimo papel social e psicológico em cada sociedade e em cada cultura. Responde as questões que o *logos* não consegue responder. Ele dialoga com o intrigante, com o misterioso, com os deuses, com os antepassados, com monstros, com heróis, com o futuro e com os sonhos. Nesse sentido pode-se sugerir que é uma forma primitiva de ciência da alma. O ser humano dificilmente se cala diante das grandes questões da humanidade. Não há registro de sociedade que não soubera explicar a origem dos eventos da natureza, de onde eles vieram, para onde vão após a morte, quem criou o universo, o significado dos sonhos, e assim por diante.

Com o passar do tempo o *logos* foi ganhando espaço e explicando muitas questões míticas, no entanto, ainda há uma grande jornada a ser caminhada pelo viés dos mitos. William Shakspeare continua tendo razão ao afirmar que “há mais mistério entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia”.

O *mythos*, por não configurar uma narrativa histórica, não significa que esteja tratando de invencionices, pois trata de verdades. As parábolas de Jesus, por exemplo, não estão tratando de casos históricos, no entanto, perduram até os dias de hoje, pois tratam de verdades presenciadas todos os dias entre famílias. Mesmo distando de dois mil anos de quando foi contada, há ensinamentos importantes para hoje. A exigência pelo rigor histórico não está em questão. O Evangelho de Lucas no capítulo 15 conta a parábola de um pai e dois filhos. Perguntar se essa história realmente existiu ou se Jesus a inventou, é pouco, é pobre. Mas afirmar que Jesus está contando o que acontece todos os dias entre as famílias é a mais pura verdade. Nessa parábola há várias lições tratando de questões essenciais para a humanidade. Só para citar algumas: relacionamento entre pais e filhos, a importância do perdão, a grandeza no relacionamento familiar, a alegria de encontrar o que se havia perdido, o perigo da obstinação e do egoísmo conjugado com a imaturidade, pais foram feitos para amar

independendo das ações dos filhos, a dor da separação e da perda, a humilhação diante da necessidade e da fome, o desamparo longe de casa, a importância da retomada a partir de uma atitude, a necessidade de se reavaliar situações e rever conceitos. Muitas outras lições poderão ser retiradas dessa parábola, elas estão falando de verdades cotidianas. O *mythos* não tem compromisso com fatos históricos, mas com verdades da condição humana.

Outro aspecto do *mythos* é que ele se antecipa ao *logos*. Antes da especulação racional e lógica acontece a especulação mítica. Ele “prepara o terreno” para o *logos*. Antes de haver explicações lógicas, racionais ou científicas o mito já tem se pronunciado. Antes de haver códigos de leis e corpos doutrinários e legislações os mitos já haviam se pronunciado. O *mythos* é primeiro. Ele não vai para o laboratório esperar a aprovação científica para se tornar *mythos*. Ele independe das análises científicas. O *mythos* acontece na prática, na vida. Karen Armstrong nos lembra que “nosso conhecimento voltado para a ciência procura dominar a realidade, explicá-la e mantê-la sob o controle da razão, porém o prazer do desconhecimento também faz parte da experiência humana”. A razão se ocupa de elucidar fatos, desenvolver tecnologia e auxiliar a humanidade em suas construções e até mesmo em determinadas circunstância auxilia a religião, — a razão de forma alguma é estranha à religião —, e não podemos esquecer que, “Mesmo hoje, poetas, filósofos, matemáticos e cientistas descobrem que a contemplação do insolúvel é uma fonte de alegria, admiração e contentamento” (ARMSTRONG, 2011, p. 14).

1.1 Os textos mítico-poéticos

Falar de mitos bíblicos não é tarefa fácil, considerando que uma parcela significativa de cristãos leitores da Bíblia já tem uma opinião formada a esse respeito e afirma categoricamente que nela não há mitos. Não admitem, por exemplo, que os textos compreendidos entre os capítulos de um a onze de Gênesis sejam narrativas míticas e, por isso não os tratam como tais; pelo contrário, afirmam categoricamente que são histórias narradas por Deus a Moisés. Essa compreensão hermenêutica é pregada em púlpitos e ensinada em escolas bíblicas.

O teólogo Derek Kidner, quando fala do capítulo três de Gênesis, chama a atenção para as seguintes questões: “é preciso dizer duas coisas sobre a sua *historicidade*. A primeira é que o Novo Testamento a pressupõe e argumenta partindo dela, tomando o primeiro Adão tão

literalmente como o último, cuja genealogia é apresentada em termos que vão até aquele, em Lc 3.23ss” (p.62). Ainda sobre essa questão, o escritor André Chouraqui afirma: “Não é mais possível ler em nossos dias o Gênesis sem ter presentes ao espírito as civilizações no meio das quais emerge o fato hebraico. Cada ano acrescenta a esse dossiê novas descobertas que obrigam os historiadores e os exegetas a uma reconsideração permanente de suas conclusões” (p. 16). Ronald A. Simkins chama a atenção para a leitura bíblica a partir da mundividência e da cultura do Israel antigo. Referindo-se aos mitos bíblicos Simkins diz que eles servem como chaves ulteriores para se descobrir a cultura israelita antiga. “Ao prestar atenção especial a essas metáforas e mitos, somos capazes de penetrar na sociedade de alto contexto do antigo Israel e assim começar a discernir a mundividência e os valores dos escritores bíblicos” (2004, p. 66).

Para falar dos mitos na Bíblia algumas questões devem ser consideradas. Primeiro, as narrativas mítico-poéticas constantes no Antigo Testamento datam de cerca de três mil anos atrás, lê-las como se estivéssemos lendo os textos de nossa época no mínimo causaria estupefação ao escritor de tais textos. Segundo, as figuras de linguagem utilizadas não apenas realçam o texto como pretendem potencializar a mensagem utilizando recursos literários específicos. Terceiro, a linguagem mitológica encontrada na composição do Gênesis de 1–11, apresenta uma maneira toda especial de explicar e ensinar aquilo que é de extrema importância para a humanidade. Não é possível transportar as “estórias”⁴ de três mil anos atrás e compará-las com a forma como se contam as histórias de nossos dias. Quarto, é possível ler essas estórias e extrair as lições desejadas pelo autor sem apelar para uma interpretação distante ou que exija o sacrifício do intelecto. Causa estranheza quando esses textos são tratados como histórias, pois os mesmos fazem parte de um estilo-gênero literário simbólico e pictórico. Sobre esse assunto diz Eduardo Arens:

Se tomarmos consciência de que alguns acontecimentos foram relatados oralmente durante muito tempo, de uma geração a outra, antes de serem fixados por escrito, e de que cada um que o relatou e cada um que o escutou o interpretou segundo “seu ponto de vista”, segundo sua maneira de compreendê-lo, segundo seu nível cultural, segundo suas experiências de vida, podemos ter uma ideia das mudanças que podia sofrer o relato através do tempo (ARENS, 2007, p. 51).

⁴ “Estória” diferenciando de História. Rubem Alves, *Perguntaram-me se acredito em Deus* (p. 16).

Observando os versículos de 14–19 do livro de Gênesis conforme apresentação da tradução da Bíblia de Jerusalém e outras versões, percebe-se que a disposição do texto não está em prosa, mas em verso, é poesia. É um forte indício de que pelo menos nessa perícopes o autor está envolvido com a dimensão poética. Admitir que Gênesis 3 seria uma narrativa que se propõe a falar dos primórdios da humanidade é razoável, mas tratá-lo como uma narrativa histórica com a intenção de relatar fatos é no mínimo questionável. Alguns cristãos acham que a proposta dos textos bíblicos é relatar fatos ocorridos no tempo e no espaço. Esse seria talvez o papel de um historiador. O poeta não necessariamente se prende a esses elementos, sua criatividade artística permite ultrapassar limites, criar, recriar, aumentar, ocultar, exagerar, viajar além do tempo-espaço, dirigir-se ao passado ou ao futuro como também criar um tempo existente em sua mente e que passará a existir na mente do leitor. Os mitos se utilizam dessa dinâmica para transmitir mensagens e explicar as coisas. Os mitos estão para além da linha do tempo, esta não os alcança. Os mitos estão no tempo das “estórias”, “era uma vez...”. Mas suas aplicações se dão evidentemente, na história da humanidade.

Tanto os textos em prosa como os míticos e os poéticos são capazes de transmitir mensagens com igual competência. Não há critério no mundo literário que indique haver formas ou gêneros literários superiores ou mais importantes que outros. Cada gênero literário cumpre a sua função de acordo com a necessidade do autor em transmitir sua mensagem. Não seria possível comparar por grau de importância os gêneros literários da Bíblia, como os Salmos, os provérbios, os evangelhos, as epístolas ou qualquer outro gênero. Cada um cumpre a sua função dentro de um propósito desejado.

1.2 Os literalistas e o problema com o *mythos*

Por terem sua origem na Reforma religiosa do século XVI, os evangélicos em geral se fundamentam teologicamente nas afirmações e escritos do Reformador Martinho Lutero, que instituiu como fundamento contra os católicos as cinco “solas”. *Sola Scriptura, solus Christus, sola gratia, sola fides e soli Deo gloria*. Respectivamente, *só a Escritura, só Cristo, só a graça, só a fé, a Deus toda glória*. Quanto às questões hermenêuticas, o princípio que norteou a interpretação bíblica foi o *sola Scriptura*. Colocando em termos práticos, “os Reformadores insistiram que a Escritura não somente tem a última palavra, como é também o princípio formal de tudo o que cremos sobre doutrina e conduta” (BEEKE, 2000, p.13); e ainda: “a Bíblia interpreta a própria Bíblia”. Afirmações como estas levam muitos evangélicos

a negligenciarem pesquisas e estudos sobre a cultura e o contexto em que esses escritores estavam inseridos. Alguns chegam a afirmar que toda a Bíblia fora escrita por homens inspirados por Deus, negando assim qualquer possibilidade de grande parte das Escrituras serem uma compilação de textos populares, advindos de uma tradição inicialmente oral e dinâmica como é o caso do livro dos Provérbios, uma coletânea de ditos populares. Os evangélicos geralmente interpretam as primeiras narrativas bíblicas como se fossem histórias. Eles acreditam que Deus fez o mundo tal qual consta nos capítulos um e dois do Gênesis; Deus fizera o homem do barro e das costelas do homem fez a mulher; houve um diálogo entre Adão, Eva e a Serpente. Para estes, admitir que Gênesis de um a onze é uma coletânea de narrativas míticas constituiria uma heresia. Vejamos um trecho do livro *Sola Scriptura*: “A palavra de Deus era o centro da vida de Israel, como tinha sido desde a própria Criação: ‘Disse Deus: Haja luz’. É a própria elocução divina que cria o universo e preserva-o ao longo da História. (...) Aquela mesma palavra anunciou o julgamento por transgressão e, depois, justificação por meio do Messias que viria” (BICKEL, 2000, p. 11).

Em 1650 o arcebispo irlandês, James Ussher, pesquisando a Bíblia e ao deparar-se com as genealogias e as idades dos patriarcas chegou a conclusão de que a Bíblia continha toda a informação sobre o mundo e como ele começou. Elaborou um sistema a partir das inúmeras genealogias e períodos bíblicos. A partir desses cálculos chegou a afirmar o exato momento em que Deus criara a Terra. Em sua obra *Os anais do Velho Testamento*, consta que Deus teria criado o universo na noite de 22 de outubro de 4.004 a.C. A tradução inglesa da Bíblia *King James* na Inglaterra chegou a adotar esse sistema de Ussher. As datas constavam em todas as páginas dessa Bíblia. Foi a tradução mais lida nos 300 anos seguintes no mundo de fala inglesa.

Um dos principais pilares doutrinários da tradição cristã é a hamartiologia, que é a doutrina do pecado da humanidade, tema da Teologia Sistemática ou Dogmática, disciplina teológica que trata das doutrinas cristãs. Para os cristãos, a morte de Cristo na cruz tem implicações com a necessidade da humanidade em não poder justificar seus próprios pecados, portanto, “A realidade do pecado e do mal é, na verdade, de importância crucial para a dogmática, visto que a fé professe um Deus que perdoa o pecado e liberta do mal” (BRAATEN, 2002, p.363). Do ponto de vista cristão a libertação do pecado só foi possível com a morte de Jesus Cristo que se ofereceu em sacrifício pelo(s) pecado(s) da humanidade. Na tradição cristã histórica, a

origem do pecado da humanidade encontra explicação bíblica na narrativa de Gênesis capítulo três. Um dos manuais de Teologia Sistemática, muito utilizado na tradição evangélica brasileira para definir o pecado da humanidade, afirma que: “a história da raça humana que se apresenta nas Escrituras é primordialmente a história do homem num estado de pecado e rebelião contra Deus. (...) *Pecado é deixar de se conformar à lei moral de Deus, seja em ato, seja em atitude, seja em natureza*” (GRUDEM, p. 403, 1999).

O teólogo Luis Berkhof em seu compêndio de Teologia Sistemática refere-se ao pecado como um problema e uma doença que se impõe naturalmente à atenção do homem visto que o poder do mal é forte e universal. Diz ele: “é uma doença sempre presente na vida em todas as manifestações desta, e é matéria da experiência diária na vida de todos os homens” (BERKOF, p. 203, 2004). Vale salientar que a doutrina do pecado da humanidade na tradição cristã seria o desdobramento de outra desobediência, a do mundo angélico: “Mesmo antes da desobediência de Adão e Eva, o pecado se fez presente no mundo angélico com a queda de Satanás e dos demônios. Mas com respeito à raça humana, o primeiro pecado foi o de Adão e Eva no Jardim do Éden” (GRUDEM, 1999, p. 405,).

O termo “queda de Adão” foi utilizado por Agostinho em seu *Comentário de Gênesis* “Depois da queda abriram-se os olhos dos dois” (AGOSTINHO, 2005, p. 420). Também se usa o termo “pecado original” enfatizando-se o primeiro pecado da humanidade, expressão criada por Agostinho para designar aquele pecado que “entrou no mundo” por meio de Adão. O *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* apresenta⁵ pecado como uma ação que “abrange toda a gama de fracassos humanos, desde a transgressão de um único mandamento até a ruína da totalidade da existência de uma pessoa”. A palavra mais utilizada no Novo Testamento para pecado é o substantivo grego ἁμαρτία (*hamartia*), aparece 173 vezes com o significado de “errar o alvo”.

O apóstolo Paulo não é literalista, mas pelo fato de ter feito menção ao relato de Adão e Eva para se referir ao pecado do ser humano, muitos cristãos vão se prevalecer dessa citação para atestar a veracidade e a historicidade do relato de Gênesis. “Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a

⁵ COENEN Lothar e BROWN Colin. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5:12). O fato é que algumas controvérsias sobre esse assunto se estabeleceram por causa do gênero literário atribuído aos primeiros onze capítulos da Bíblia judaico-cristã. Dependendo de como se enxerga o gênero literário é que será estabelecida a forma de interpretação. Alguns cristãos o interpretam literalmente, outros não. Os dois tipos de interpretação são importantes, pois, em uma das parábolas de Jesus poucos se aventurariam a interpretá-las literalmente, pois está escrito: “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno” (Mateus 5:29). É difícil acreditar que alguém se mutilaria por causa da interpretação dessa parábola. A própria “estória” dá dicas do que se trata, é uma ilustração que está ao lado de um ensinamento que se deseja transmitir e afixar na mente dos ouvintes. É um recurso literário que auxilia na lição principal. Parábola significa o que está ao lado. Daí extrai-se a lição desejada pelo autor.

Orígenes, principal teólogo de Alexandria no século III, ao ler: “Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir admita” (Mateus 19:12) numa interpretação radical das Escrituras levou ao máximo este conselho, castrou-se e retirou-se do mundo. Quanto ao gênero do livro de Gênesis, o teólogo protestante americano Lassor diz:

A identificação do gênero de Gênesis 1—11 é difícil por causa de sua singularidade. Nenhum desses relatos pertence ao gênero “mito”. Mas nenhum deles é “história” no sentido moderno de testemunho ocular, relato objetivo. Antes, transmitem verdades teológicas acerca de eventos retratados principalmente em estilo literário simbólico e pictórico (LASOR, 1999, p. 22).

O escritor, filósofo e teólogo Rubem Alves referindo-se aos textos que compõem as primeiras narrativas bíblicas esclarece: “Os cacos das Escrituras Sagradas existiram por muito tempo como estórias que eram contadas oralmente, antes de serem transformados em textos para serem lidos”. Alves enxerga uma vantagem no registro dessa tradição oral que é o fato de essas narrativas continuarem a existir mesmo depois da morte do contador de estórias. Mas também aponta uma desvantagem: “transformados em textos escritos perdeu-se a figura do contador de estórias. Com isso, os leitores começaram a ler as ‘estórias’ como se fossem ‘histórias’” (ALVES, 2007, p. 16).

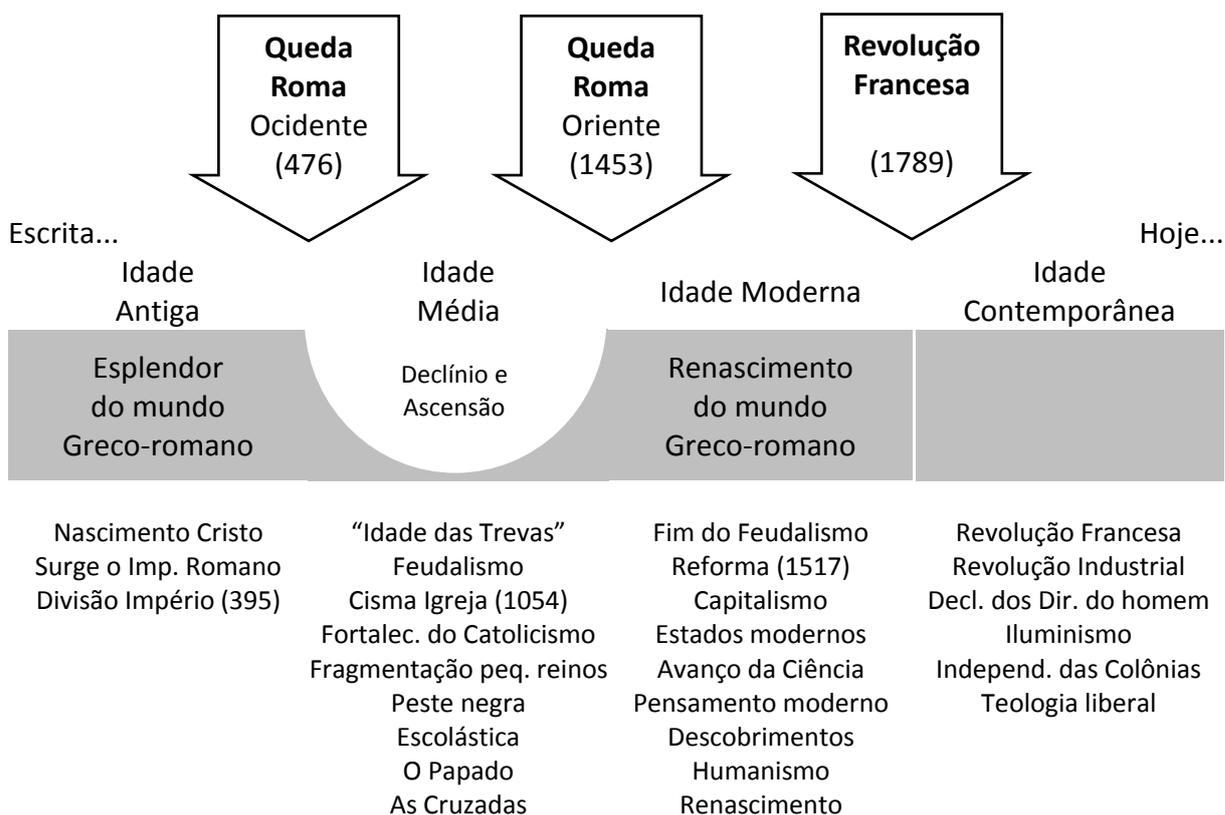
A sistematização da doutrina do pecado original por Agostinho de Hipona trouxe implicações até os nossos dias. Muitos teólogos tentaram contextualizar as Escrituras Sagradas dos cristãos dando importância aos diversos estilos e gêneros literários com a intenção de elucidar questões humanas como a inclinação da humanidade em praticar o mal. Outros apresentaram uma hermenêutica bíblica existencialista e contextualizada, oferecendo uma abertura teológico-doutrinária, mas foram combatidos pelos cristãos fundamentalistas, como foi o caso dos alemães Friedrich Schleiermacher e Rudolf Bultmann, teólogos mais racionalistas. Em alguns segmentos cristãos, como veremos à frente, prevaleceu a teologia dos literalistas.

Enquanto teoria, a doutrina do pecado pode ficar apenas no nível das discussões, mas quando tomada como crença pode trazer sérias implicações. Para os fundamentalistas, por exemplo, o que está em jogo nesta doutrina segundo eles é o que há de mais importante para o ser humano, a vida eterna ou a condenação eterna. Como na “aposta de Pascal”, se perder, perde tudo – perdição da alma, pois incorreria na danação eterna.

Vejam como alguns manuais de doutrinas apresentam esse texto: “Em Gênesis 3 nos é oferecida uma história com vários detalhes importantes. (...) Registra o encontro entre Satanás e Adão e Eva. Este relato é um registro confiável do que, de fato, aconteceu no jardim, num certo tempo — precisamente ninguém sabe” (FERREIRA, p. 440, 2007). Segundo o autor, trata-se de uma história narrada com riqueza de detalhes. Seria o relato do encontro de Adão e Eva com Satanás. O texto fala de uma serpente, mas ele já oferece uma interpretação, afirma que é Satanás. Não bastando, diz que é uma narrativa histórica, um registro confiável do que de fato teria acontecido. Outra vez ele faz uso de um elemento da História que é o tempo, mesmo não sabendo quando, para validar a sua visão historicista do texto.

2. LOGOS: uma nova maneira de explicar o mundo

Uma das maneiras de se organizar a história no Ocidente é esboçar os principais períodos da história da humanidade, enfatizando-se alguns acontecimentos históricos com datas e eventos correlacionados. Alguns fatos registrados no gráfico estão relacionados diretamente com o presente estudo, principalmente alguns fatores de mudanças entre a Idade Média e a Idade Moderna. Alguns movimentos e acontecimentos perpassam logicamente essas divisões e datas, eles apenas intencionam delinear, com leves traços, determinados momentos na história. Erroneamente, a Idade Média foi vista por alguns como “Idade das Trevas”, devido a alguns acontecimentos tidos como negativos para a humanidade como “a peste negra” que matou um terço da população da Europa, as guerras e a visão religiosa teocêntrica que interferiram no desenvolvimento das ciências além de outros fatores.



Com a divisão do Império Romano em 395 e a instituição da capital do Império no Oriente em Constantinopla houve um afastamento do Ocidente em relação à cultura greco-romana, principalmente dos escritos de Sócrates e Platão, só sendo retomados com a queda do império do oriente em 1453, possibilitando assim o contato com a cultura clássica outra vez. Para o

presente estudo será feita menção a retomada da cultura greco-romana no renascimento europeu.

Desde o Renascimento a religião no Ocidente vem passando por transformações significativas. Houve deslocamentos significativos quanto à centralidade das coisas. O heliocentrismo, entendimento de que o sol era centro do universo, cede lugar para o geocentrismo, a Terra agora passa ocupar o status de centro do universo. O teocentrismo, cosmovisão que coloca Deus no centro de todas as coisas para o antropocentrismo, o homem como centro e medida de todas as coisas.

O mito mostrara que a ação humana estava intimamente relacionada com o significado essencial da vida, mas de repente a nova ciência empurra a humanidade para uma posição marginal dentro do cosmo. O homem deixou de estar no centro das coisas para vagar à deriva num planeta indistinto de um universo que não girava mais ao redor de suas necessidades [...] A ciência moderna começa, porém, a desacreditar a mitologia (ARMSTRONG, 2009, p. 103).

A ciência moderna em acordo com o mundo do *logos* não dá chance para outras formas de percepção de mundo e com isso relega as categorias míticas a um plano secundário e obsoleto. O conhecimento científico gradativamente vai ocupando o lugar de outros tipos de conhecimento. *Logos* e *mythos* passam a ser pensados como categorias diametralmente opostas. As categorias míticas e místicas eram consideradas modos de pensar primitivos e bárbaros.

Após o Iluminismo acreditava-se que a religião, pelo menos no Ocidente, estaria com os seus dias contados. Esperava-se que na Modernidade, principalmente com os avanços da Ciência, a religião passasse para uma atividade de segunda categoria e sem muita importância para a humanidade. Immanuel Kant em sua obra *Crítica da razão pura*, no prefácio da primeira edição, chegou a descrever os novos tempos de racionalidade como o momento da “saída do homem da sua minoridade culpada”, “Feuerbach descreveu a religião como alienação, Karl Marx como ópio do povo, Nietzsche como debilidade gregária e Freud como sobrevivência nociva e patológica da imagem paterna na ideia de Deus” (ZILLES, p. 17). Atualmente já se fala em pós-modernidade e a religião continua marcando presença ignorando todas essas afirmações e movimentos culturais. Nas Américas, por exemplo, constata-se um significativo

crescimento do ramo cristão neopentecostal, na Europa o islamismo está em expansão e, ao que parece, a religião ainda está longe de se tornar algo ultrapassado.

2.1 A teologia protestante liberal

Em 1901, assim que o século XX descortinou, duas obras teológicas entraram em cena dando o tom da discussão entre teólogos protestantes: uma intitulada, *Reconstruction in theology*⁶ “*Reconstrução na teologia*” e a outra *What is christianity?*⁷ “*O que é o cristianismo?*”. Essas obras representaram no cenário teológico a ascensão de uma forma de reflexão teológica protestante iniciada no século XIX, a teologia protestante liberal. Muitos intelectuais cristãos entenderam que era chegado o momento de rever antigos conceitos teológicos da tradição ortodoxa protestante clássica considerando a cultura, a filosofia e a ciência moderna, dimensões negligenciadas pela tradição antiga. Um aspecto importante da obra *O que é o cristianismo?*, foi a necessidade de conceituar a essência do cristianismo moderno, destituído dos valores e dogmas tradicionais que perduraram até a Idade Média, pois já não eram relevantes no contexto iluminista e estavam em dissonância com o pensamento moderno. A proposta dos teólogos liberais era avançar rumo ao futuro, — a exemplo das ciências —, deixando pra trás uma ortodoxia ineficiente e um tradicionalismo autoritário que exigia dos fiéis o sacrifício do intelecto para dialogar com a modernidade. Conceitos como: revelação, fé, dogma, mito, mistério, milagres, eram vistos com desconfiança e logo se tornavam objetos de análise do pensamento racional. Houve uma interpretação racionalizada da religião.

A teologia protestante liberal, portanto, é uma abordagem positiva da metodologia teológica que busca se ajustar à cultura moderna reinterpretando e reconstruindo a tradição ortodoxa protestante clássica. Os proponentes da Teologia liberal reconheciam a necessidade da religião dialogar com a sociedade moderna. Ao contrário do que muitos pensam, os partidários desse movimento estavam mais preocupados com a construção de uma forma de pensar condizente com a época do que combater crenças anteriores. Os conservadores é que se empenharam em combatê-los.

⁶ O presidente da *Oberlin College* do estado de Ohio (EUA).

⁷ Importante historiador da Universidade de Berlim.

Os ortodoxos impulsionados pelo espírito militante antimodernista reagem contra os liberais. Esse movimento reacionário às ideias liberais ficaria conhecido como “fundamentalismo”. Eles acusavam os liberais de modernistas, unitaristas disfarçados, racionalistas e humanistas sem compromisso com o Evangelho.

Os teólogos estavam convencidos de que a cultura humana tinha dado um salto quântico de avanço com o iluminismo e que a própria existência do cristianismo como mais do que uma religião folclórica dependia de sua atualização, para que entrasse em harmonia com o que havia de melhor no ‘projeto de modernidade’ do iluminismo. Ou seja, a teologia cristã precisava se modernizar ou deixaria de ser religião popular com atrativos e influência universais (OLSON, 2001, p. 553).

O grande aliado dos teólogos liberais foi o pensamento moderno, pois além de necessário tornou-se método de interpretação bíblica com status de autoridade orientadora para determinar a essência da verdade cristã, foi uma forma de responder à pergunta do livro: *O que é o cristianismo?*.

Assim como os fundamentalistas foram vistos por alguns como radicais em alguns aspectos, os liberais também, muitos chegaram a desconsiderar a crença no sobrenatural e nos milagres. Outros chegaram a questionar dogmas como a da Trindade e da divindade de Cristo, outros ainda apenas os desprezavam ou os reinterpretavam. As nuances entre os liberais eram várias. O que incomodava os fundamentalistas e concebido como inadmissível era o fato de se questionar e até mesmo alterar as doutrinas cristãs até então tidas como verdades absolutas.

Constituintes do pensamento moderno — O pensamento moderno foi constituído por alguns temas e tendências culturais ligadas ao iluminismo e seus reflexos culturais posteriores. Esse período ficou conhecido como “era da razão”. O pensamento iluminista moderno dá atenção especial à razão em detrimento da fé e do sobrenatural até então propagados pela religião. Privilegia a educação e o pensamento racional constituinte da linguagem da ciência moderna. Os iluministas entendiam que era tarefa da ciência através do pensamento racional utilizar critérios científicos para investigar e questionar tudo o que a mente humana era capaz de apreender. A razão, e apenas ela, poderia servir a si própria como guia, critério e condição da certeza do conhecimento. A razão não recorre a mais nada não ser a ela mesma, e por isso precisa criar um método seguro.

O *Zeitgeist* (espírito da era) do iluminismo e da modernidade, diferentemente da idade Média, era centralizado no ser humano. A religião foi afetada pelo pensamento iluminista. A ela caberia o papel da educação moral da humanidade. O ensaísta iluminista Alexander Pope (1688-1744) ao referir-se aos partidários do iluminismo deu os seguintes conselhos: “Conheça, pois, a si mesmo. Não procure perscrutar Deus. O estudo apropriado da humanidade é o homem”. Dizia que a natureza e as leis da natureza estavam imersas em trevas, aí “Deus disse: ‘Haja Newton!’ e tudo se fez luz” (OLSON, 2001, p. 555).

2.2 Filósofos proponentes de uma teologia filosófica

Immanuel Kant (1724-1804) em seu famoso ensaio chamado *O que é o iluminismo?*, escreveu: *sapere aude!*: “pense por si mesmo!”. Essa afirmação era um imperativo válido para qualquer segmento cultural, inclusive para a religião. Em sua obra *A religião dentro da esfera da razão pura*, relega a religião ao âmbito da ética e das questões morais. Para Kant, a verdadeira religião — incluindo o cristianismo —, só teria validade se optasse em viver de acordo com os deveres racionalmente discerníveis. Essa visão exerceu grande influência sobre os pensadores iluministas no início do século XIX, que buscavam uma religião moderna. A maneira como Kant entendia a religião não conflitava com a ciência, pois não continha crenças especulativas a respeito da natureza do mundo ou mesmo da história. Também não dependia das revelações sobrenaturais nem de milagres. Kant a despeito das suas inovações, mantinha a crença em Deus, na imortalidade da alma e nas recompensas e castigos após a morte.

Outro filósofo que contribuiu de forma significativa para a aproximação da religião com a ciência foi Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Ele desenvolveu o conceito de Deus como aspecto fundamental da filosofia Moderna, sem com isso, propor a crença em algo que pudesse contrastar com a ciência moderna ou mesmo que exigisse uma fé cega nos dogmas, na revelação sobrenatural ou nos milagres. Hegel chega a se referir a Deus como um espírito (*Geist*) mundial, imanente, que subjaz à natureza e à história e com elas evolui.

Para ele, a crença nesse Deus era tanto racional quanto perfeitamente compatível com o melhor da cultura moderna, embora fosse metafísica, especulativa e, portanto, contrária aos ditames de Kant, que restringia a filosofia da religião à ética. O Deus de Hegel era plenamente imanente no mundo. Uma das máximas do filósofo era: “Sem o mundo, Deus não seria Deus”. Deus e o mundo pertencem um ao outro e crescem juntos. A humanidade e

a cultura humana são Deus chegando à autoconsciência, e Deus é o que a humanidade, na melhor das hipóteses, poderá chegar a ser (*Ibid*, p. 555).

A teologia filosófica de Hegel e Kant, além de inovadora era compatível com o pensamento racional (*logos*) e com a ciência moderna. Isso tornou o discurso religioso em condição de diálogo com os filósofos e intelectuais da época. A teologia filosófica propunha uma trégua no conflito existente entre ciência e religião. No entanto, muitos filósofos europeus e americanos faziam oposição a essa teologia e ao *Zeitgeist* da modernidade.

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), considerado o pai da teologia liberal, é de educação pietista⁸ e bebe na fonte do iluminismo, especialmente da filosofia de Immanuel Kant. Ainda jovem questiona as doutrinas ortodoxas professadas pelo pai, ocasionando desentendimento e rompimento entre eles. Torna-se um notável intelectual, ocupa os cargos de ministro da Igreja Reformada e catedrático de teologia na Universidade de Halle. Muitos dos seus amigos eram céticos quanto à religião tradicional, o que lhe motivou a difundir o cristianismo entre eles escrevendo a obra *Da religião: discursos em resposta aos críticos cultos*, que vai servir de base estrutural teológica para outra obra: *a fé cristã*, escrita em 1821. Nessa obra, Schleiermacher formula um sistema teológico para os tempos modernos. Propõe uma alternativa à religiosidade incipiente de Kant e Hegel, tendo a preocupação de contemplar os avanços do pensamento moderno e evitando conflitos com eles. Seria uma atualização da ortodoxia protestante. Não foi um empreendimento fácil, a maioria dos teólogos protestantes ortodoxos reagiu contra.

Schleiermacher argumentava existir no ser humano — uma sensação, um sentimento, ou consciência íntima profunda de Deus — como parte do seu “religioso a priori”, a qual chamou de *Gefühl*. Segundo ele, haveria formas religiosas específicas dessa “consciência” universal, — intrínseco à própria natureza humana — nas religiões positivas. Defendia que a teologia cristã não era mera reflexão sobre a revelação sobrenatural e divina, e sim uma tentativa de colocar em palavras o “sentimento religioso”, pois tanto a religião como o cristianismo enquanto religião positiva tratariam, principalmente, da “faculdade” e da “experiência humana universal”, *Gefühl*. Não acreditava em doutrinas sacrossantas, por mais

⁸ Pietismo é um movimento protestante alemão do século XVII. Surge em oposição à teologia racionalista e ao dogmatismo que dominavam a igreja oficial da Alemanha.

tradicionais que fossem. Por isso sua construção teológica tornar-se-ia fonte e critério abalizador da sua teologia e hermenêutica. Para Schleiermacher, a experiência religiosa tinha muito valor, ela teria mais autoridade do que a própria Bíblia. Acreditava ser impossível falar de Deus sem falar da experiência humana de Deus. Dizia que a Bíblia não é autoridade absoluta, não é sobrenaturalmente inspirada nem inerrante. Ela seria apenas o registro das experiências religiosas das comunidades primitivas. Descrever experiências humanas com Deus seria diferente de descrever a Deus. Por fim, quanto aos milagres afirmou:

De modo geral [...], no tocante aos milagres, os interesses gerais da ciência, mais especificamente da ciência natural, e os interesses da religião parecem convergir para o mesmo lugar, ou seja, devemos abandonar a ideia do absolutamente sobrenatural, porque nem uma única ocorrência sua pode ser conhecida por nós e em nenhum lugar se exige de que a reconheçamos (Schleiermacher, *Apud*, OLSON, 2001, p. 560).

Para os iluministas que buscavam uma espiritualidade religiosa que não exigisse o sacrifício do intelecto ou uma fé cega baseada nos dogmas e na tradição, a teologia proposta por Schleiermacher tornou-se atraente. Dessa forma era possível ser religioso sem negligenciar os valores iluministas pautados no *logos*.

Albrecht Ritschl (1822-1889) foi outro teólogo que deixou marcas profundas no pensamento teológico da Alemanha do século XIX. Ele contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da teologia protestante liberal. Um de seus propósitos era livrar o cristianismo da ciência. Diferentemente dos teólogos do período medieval que atribuíam à teologia o título de “rainha das ciências”, defendia que a teologia e a religião em geral eram distintas da ciência. Afirmava que a ciência lida com fatos e utiliza linguagem para construir um sistema que descreve o mundo físico de modo exato e objetivo — “o mundo é redondo” —, já a religião lida com valores e utiliza linguagem de julgamento de valor — “Deus é amor”. Isso não significava abrir mão da ciência nem do pensamento moderno, pois entendia que a essência verdadeira do cristianismo é compatível com o pensamento moderno e para que a teologia se tornasse moderna, teria que apaziguar o conflito existente entre ciência e teologia — como havia acontecido entre Galileu e a Igreja Católica ou entre Darwin e os teólogos conservadores. Com o protestantismo liberal de Ritschl, a teologia se interessa cada vez menos pelas categorias científicas e passa a valorizar mais a espiritualidade e moralidade. Com Ritschl, “as crenças tradicionais que pudessem conflitar com a modernidade, como as do

nascimento virginal, da natureza de Jesus, dos milagres e da segunda vinda, o mundo dos anjos e dos demônios e do céu e do inferno, foram paulatinamente relegadas ao passado da antiga teologia por descuido ou pela reinterpretação radical” (OLSON, 2001, p. 563).

3. FUNDAMENTALISMO: entre o *Mythos* e o *Logos*

Devido à grande diversidade de igrejas cristãs espalhadas pelo mundo, alguns estudiosos das religiões utilizam a designação “cristianismos”. Os principais ramos são: catolicismo romano, com sede em Roma, tendo como chefe o papa; igreja oriental ou ortodoxa, oriunda do Cisma do Oriente entre a igreja latina e a grega em 1054, o chefe é o patriarca; os protestantes⁹, advindos da Reforma religiosa de 1517, espalhados pelo mundo e cada igreja com o seu próprio líder e por fim a igreja anglicana, muito conhecida, mas de difícil classificação. A matriz principal desta igreja está ligada à abadia de Canterbury, na Inglaterra e o chefe é a rainha da Inglaterra. Mesmo sendo oriunda da Reforma religiosa do século XVI, guarda semelhanças entre o catolicismo romano e o protestantismo. Sobre ela costuma-se dizer que “é a mais protestante entre as católicas e a mais católica entre as protestantes”. O professor Antonio Gouvêa Mendonça afirma que o a Igreja da Inglaterra resulta da Reforma Religiosa, mas “ficou a meio caminho entre Roma e as igrejas protestantes” (MENDONÇA, 2005, p. 50). Entre os protestantes destacam-se algumas igrejas oriundas da Reforma, a saber: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas. Atualmente o número de igrejas protestantes é imenso, mas para o nosso propósito nos deteremos no grupo protestante fundamentalista.

Seria um empreendimento extremamente difícil ou até mesmo impossível classificar os evangélicos de acordo com seus posicionamentos teológico-doutrinários, pela forma como atribuem autoridade às Escrituras Sagradas ou como as interpretam. Mas em linhas gerais é possível classificar os evangélicos em dois grandes grupos, “conservadores” e “liberais”. O primeiro adota a Bíblia Sagrada como a única fonte de autoridade. Inicialmente foi o grupo que mais se afinou com a modernidade, no entanto, após o darwinismo e a evolução das ciências passou a questionar a racionalidade científica nos pontos que confrontavam sua fé. Devido sua hermenêutica literalista, inflexibilidade nas opiniões, postura não dialógica com determinados grupos cristão e ênfase acentuada nos fundamentos de suas crenças, esses protestantes ficaram conhecidos como fundamentalistas.

⁹ O termo protestante tem origem na Dieta de Spira, assembleia teológica católica reunida na cidade de Spira na Alemanha em 1526. Na segunda Dieta de Spira em 1529, diante da maioria de Estados católicos um grupo de cinco príncipes e quatorze cidades livres protestaram contra a decisão do imperador Carlos V de revogar a decisão anterior que dava o direito a cada príncipe aderir ou não ao movimento da Reforma. Alguns como os batistas preferem a designação reformados, mas aqui utilizaremos protestantes evangélicos ou reformados como termos intercambiáveis designando os cristãos oriundos ou consonantes com a Reforma.

Os liberais formam o grupo dos protestantes que além da Bíblia adotam a cultura e a razão como possibilidades de auxílio à vida cristã. “O liberalismo teológico representa o esforço para encontrar um caminho entre o racionalismo¹⁰ do iluminismo e o dogmatismo da ortodoxia” (FERREIRA, 2010, p. 87). Quem mais se projetou teologicamente frente a essa posição foi o teólogo alemão Fredrich Schleiermacher (1768-1834) considerado o pai do liberalismo teológico. Dizia ele sobre as Escrituras: “Toda escritura sagrada não é mais que um mausoléu, um monumento da religião que atesta que esteve presente ali grande espírito, que já não está mais; pois, se todavia, vivera e atuara, como atribuiria um valor tão alto à letra morta, que só pode constituir uma débil estampa do mesmo?” (Schleiermacher *apud* Ferreira, 2010, p. 88). Os conservadores se opõem a esse posicionamento teológico. O teólogo alemão Rudolf Bultmann afirmou: “Experiência do mundo e domínio do mundo se desenvolveram tão amplamente na ciência e na técnica que nenhuma pessoa pode seriamente sustentar, nem sustenta, a concepção neo-testamentária do universo” (BULTMANN, 1999, p. 8). É a esse posicionamento teológico que os fundamentalistas vão se opor até as últimas consequências. É fato que a Bíblia Sagrada é um dos livros mais publicados no mundo. É um *best-seller* por excelência. Também é fato que é alvo das mais criativas interpretações, o que historicamente resultou em hermenêuticas diversas e, conseqüentemente, doutrinas também diversas. Alguns textos bíblicos há muito são alvos de grandes controvérsias e ainda serão por muito tempo, como é o caso da narrativa de Adão e Eva no capítulo três do livro de Gênesis, pois foi a partir dele que muitos cristãos elaboraram suas crenças sobre o pecado, o trabalho, o sofrimento, a morte, a condenação eterna e a salvação eterna. Foi também a partir desse texto que a tradição cristã elaborou e explicou a importância da morte de Jesus Cristo na Cruz. “O que os cristãos viam, ou alegavam ver, no Gênesis 1-3 mudava conforme a própria Igreja ia se transformando de uma seita judaica dissidente em um movimento popular” (PAGELS, p. 19, 1992).

Muitos cristãos se utilizaram da narrativa de Adão e Eva na Bíblia Sagrada para justificar os desvios morais da humanidade e para explicar como fora rompida a relação do homem com Deus e como esse rompimento, além de alterar a vida dos seres humanos, alterou todo o universo. Assim alguns cristãos vão explicar a origem do mal na raça humana. Ao longo do

¹⁰ Designação atribuída a várias correntes filosóficas que colocavam o *logos* “razão” como instrumento fundamental à serviço do intelecto para compreensão do mundo e do real a partir da confiança na capacidade do intelecto. Essa corrente filosófica afirmava que a *religião* com seus elementos dogmáticos, a *fé*, o *sagrado*, os *mitos* e as *crenças* passariam a categorias menos importantes, relegadas ao passado da humanidade.

tempo essa visão vem-se modificando e atualmente vários teólogos cristãos já não se utilizam desse texto para explicar a maldade da raça humana. Há correntes teológicas que admitem uma interpretação de Gênesis três como um texto mítico-poético, considerando que “poesia é linguagem potencializada” (ALTER, 2007, p. 17). A doutrina do pecado vem-se modificando de acordo com as cosmovisões religiosas e culturais, porém mesmo na Modernidade ainda há posicionamentos teológicos que exigem o sacrifício do intelecto. Max Weber, em sua obra *Ciência e Política*, percebeu esse comportamento por parte do crente praticante. “Em toda teologia ‘positiva’, o crente chega, necessariamente, num momento dado, a um ponto em que só lhe será possível recorrer à máxima de Santo Agostinho: *Credo non quod, sed quia absurdum est*¹¹”. Essa pode ser uma exigência da religião — como no caso do fundamentalismo, como veremos adiante —, em relação ao crente praticante, mas não é uma exigência da ciência em relação ao cientista. Max Weber entende que o poder de realizar o “sacrifício do intelecto” é uma proeza e constitui o traço decisivo e característico do crente praticante. Diz ele: “Se assim é, vê-se que, apesar da teologia (ou antes por causa dela) existe uma tensão invencível (que precisamente a teologia revela) entre o domínio da crença na “ciência” e o domínio da salvação religiosa” (WEBER, 2001, p. 42). Essa tensão constata-se na opção da interpretação literal de textos bíblicos como a narrativa de Adão e Eva. Um colega de classe, diante de uma dessas questões que exigem fé afirmou o seguinte: “se é para confessar eu confesso, se é para repetir eu repito, mas não porque esteja entendendo”.

Há pelo menos duas dimensões possíveis para o exercício da fé ou para a adesão a uma religião. Uma mítica e outra factual. A primeira aberta às narrativas míticas de um tempo primordial e que não constam nos anais da história como fato, mas que contemplam a poesia e os símbolos como possibilidades explicativas e com proposta de conferir sentido para a vida contemplando o que há de mais profundo e essencial no ser humano, como por exemplo, as narrativas míticas que falam de heróis, de deuses, repletas de símbolos e metáforas, atualizando-se no tempo e no espaço através dos ritos. A Psicanálise e a Psicologia analítica — além de outras ciências —, fazem belíssimo uso dos mitos. O que comprova serem os mitos, narrativas essenciais e necessárias para as sociedades.

¹¹ “Creio porque é absurdo”.

A segunda é construída a partir do raciocínio lógico com ênfase na historicidade e na literalidade dos textos sagrados, mesmo aqueles com apelo mítico. Essa dimensão religiosa carece de datação, achados arqueológicos, comprovação dos milagres, e assim por diante. Adeptos desse posicionamento negligenciam as narrativas míticas sob a alegação da “verdadeira crença” trabalhar com fatos e não com mitos, como se este fosse o oposto de verdade.

Colocar o *mythos* e o *logos* lado a lado como se fossem antagônicos ou compará-los através de juízos de valor não é a melhor opção para falar dessas duas categorias. Seria como perguntar qual é o mais belo, a *Santa Ceia* de Leonardo da Vinci ou a *Nona sinfonia de Beethoven*? Qual é a grandeza mais importante distância ou tempo? *Mythos* e *logos* são categorias explicativas distintas como a pintura e a música, a distância e o tempo, mesmo que a interação entre distância e tempo resulte numa terceira grandeza, a velocidade, não é possível afirmar quem é mais importante que as outras duas. “A única maneira de calcular o valor e a verdade de um mito consistia em agir de acordo com ele” (ARMSTRONG, p. 12).

O racionalismo e a ciência moderna contribuíram de forma significativa com o progresso, trazendo benefícios para a humanidade. Muitos estavam satisfeitos com essa evolução, porém em determinado momento muitos intelectuais cristãos vão além dos protestos à instituição católica do período da Reforma. Teólogos liberais passam a questionar a própria Bíblia, desencadeando assim controvérsias acirradas e duradouras. No século XVIII outras revoluções deflagram na Europa, em 1789 irrompem a Revolução Francesa e a Revolução industrial na Inglaterra culminando no ambiente do Iluminismo. No século XIX, filósofos e teólogos racionalistas concordantes com o evolucionismo de Darwin despontam com a teologia liberal. Cristãos protestantes ortodoxos contrários ao evolucionismo rejeitaram e combateram com veemência essa teologia, no que contribuiu para a formação do fundamentalismo protestante.

Já nos primeiros anos do cristianismo, os cristãos gnósticos, contrários a algumas doutrinas dos cristãos tidos como ortodoxos, questionavam a maneira como estes entendiam os primeiros capítulos de Gênesis. “Entender literalmente a história da criação, diziam eles, não fazia sentido. Vamos acreditar que Adão e Eva ouviram mesmo os passos de Deus pisando as folhagens do jardim do Éden, como sugere o texto, ao dizer que eles se esconderam ao ouvir

Deus “que andava no jardim à hora da brisa da tarde...” (PAGELS, p. 98, 1992). Essa observação dos gnósticos, no caso do texto ser entendido de forma literal, admitiria a possibilidade de Deus ter características muito semelhantes às de Adão e Eva. Seria uma descrição antropomórfica de Deus, pois, se pisava as folhagens do jardim andando à hora da brisa do dia, teria pés. “Eles ouviram o passo de Iahweh Deus que passeava no jardim à brisa do dia...” (Gn 3:8). “[...] apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional”. (TILLICH, 1985, p. 30).

Às vezes há certa confusão quando se fala de fundamentalismo. Costuma-se atribuir essa designação aos grupos guerrilheiros do Oriente Próximo ou se pensa em homens bombas das correntes islâmicas ou algo parecido. Mas o fundamentalismo nem é exclusividade dos grandes monoteísmos – Judaísmo, Islamismo e Cristianismo –, está presente entre hinduístas, budistas, confucionistas e em muitas outras religiões; inclusive entre cientistas. Os fundamentalistas apresentam radicalização em suas ideologias políticas ou religiosas, objetivando sempre protegê-las das mudanças ou evoluções que possam descaracterizar ou desvirtuar seus “fundamentos”. Manifestam um apego extremado ao “sagrado” e rejeição às novidades “mundanas” ou secularizadas. Fazem oposição à cultura moderna e liberal e para manter suas crenças e ideais, se necessário, matam ou morrem em nome da sua causa ou do seu deus. Empenham-se ao máximo em difundir suas crenças e dependendo da religião praticam o proselitismo.

Outra percepção errônea é a de que fundamentalismo é assunto de religioso. Isso não é verdade. Os cientistas também apresentam seus tipos de fundamentalismos. Por exemplo, o fundamentalismo darwiniano também conhecido como universal ou ultradarwinista. Eles acreditam que Darwin pôs fim à necessidade por Deus. Essa escola usa a teoria da evolução para eliminar a noção de Deus, especialmente o Deus cristão. O proeminente professor e filósofo americano ateu Daniel C. Dennett é um dos mais famosos ateus da atualidade e faz parte dessa escola. Dedicou sua carreira ao Darwinismo para justificar o ateísmo. Publicou uma obra intitulada *Darwin's dangerous idea* editada no Brasil com o título *A perigosa ideia de Darwin*. Outro ateu entusiasta e que tem feito muito “barulho” contra os teístas, principalmente os cristãos é Clinton Richard Dawkins. É zoólogo, etólogo, evolucionista e escritor de vários livros, entre eles o Best-seller *The God delusion*, traduzido no Brasil com o

título: *Deus um Delírio*¹². Na capa dessa obra está escrito: “Um ataque brilhante à onda de superstição que mais uma vez percorre o mundo, pelo grande cientista que, ao longo de sua carreira, tem demonstrado força da razão sóbria e incisiva para explicar a vida”. No *site* da *BBC News* consta uma frase sua no mínimo provocante: “*In order not to believe in evolution you must either be ignorant, stupid or insane*” (“Para não acreditar na evolução você deve ser ignorante, estúpido ou insano”).¹³

Nem os cientistas nem tampouco os teístas têm a última palavra quanto ao fato da existência ou inexistência de Deus. Essa é uma questão aberta e movimenta a humanidade de várias formas. A Ciência limita-se a fazer afirmações sobre a natureza e como esta funciona. Por definição, o Deus da Bíblia é espírito. “Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade” (Jo 4:24). Portanto, não cabe em laboratório algum. Não se sabe seu cheiro, cor, tamanho, peso, volume, idade ou onde reside, entre outras. Os cristãos costumam dizê-lo poeticamente em uma infinidade de definições. Outros apresentam Deus pelo que ele não é. Mas quanto ao que ele é, se é, ou quem é, Não há uma última palavra. Entre a Idade Antiga até meados da idade Média o ser humano contemplativo tinha a Deus como o centro do universo. Na Idade Moderna, o ser humano ocupa esse lugar. Na pós-modernidade seria difícil arranjar um lugar para o ser humano e outro para Deus. As religiões se multiplicaram e se imbricaram de forma surpreendente. O próprio cristianismo virou uma colcha de retalhos.

O geneticista americano Francis Collin, diretor do Projeto Genoma Humano, responsável pelo mapeamento do DNA humano em 2001, em entrevista à BBC¹⁴ faz uma observação interessante. Ele diz que a Ciência comete um erro categórico ao reivindicar domínio sobre a questão de Deus. E quando perguntado como concilia a sua fé com a teoria da evolução respondeu: “Sim, a evolução é verdadeira. Mas sim, Deus é o Criador do universo, do nosso planeta, de você e de mim. E Deus simplesmente usa o processo de evolução para conduzir a criação de forma incredivelmente suave”. Disse ainda: “Acho que a evolução é a resposta para ‘como’. Deus é a resposta para ‘por que’”. Quanto aos fundamentalistas protestantes, a questão parece está centrada na tentativa de harmonizar a ciência a partir do que a Bíblia diz, segundo sua própria hermenêutica e lógica. Seria algo como em um quebra-cabeça tentar

¹² DAWKINS, Richard. *Deus um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹³ <http://news.bbc.co.uk/2/hi/7619202.stm>. Acessado em 10.11.2012.

¹⁴ Documentário: Será que Darwin matou Deus?

encaixar um quadrado em um círculo ou vice-versa. Fé e ciência não necessariamente são antagônicas, mas se sabe que são dimensões e áreas diferentes, porém em condição de diálogo, desde que sejam respeitados, entre outros limites, o do *mythos* e o do *logos*.

Por fim, vale salientar que o darwinismo ou ultradarwinismo não obrigatoriamente implica ateísmo. As pessoas é que fazem suas opções religiosas ou científicas por razões diversas. O que se percebe é que acreditar sozinho em algo não parece fazer muito sentido, além de ser muito desconfortável. As crenças geralmente são estabelecidas para dar sentido à vida e quanto mais adeptos houver em relação a determinada crença mais sentido parece fazer. Outro grande desconforto é alguém admitir estar errado, principalmente quando o assunto é religião. Quanto às novas descobertas científicas e comprovação de que tal teoria estava errada não há muito que fazer. Será uma questão de tempo para as novas adequações. Mas quando o assunto é religião, não é tão simples assim. É muito difícil alguém admitir que por muitos anos estava errada e que agora há novos argumentos teológicos ou doutrinários a serem seguidos. Sem contar com a tradição e o sentimentalismo em seguir a religião dos antepassados. Para muitos, deixá-la seria o mesmo que trair aqueles que partiram. Juntando esses elementos e a disposição em divulgar determinada crença é um possível começo para se estabelecer uma postura fundamentalista.

Também se percebe que os fundamentalistas geralmente estão sempre bem preparados para o debate. E com certa frequência há palavras de ordem como: Deus, verdade, razão, ciência, ataque, força, defesa, vencer, ganhar, conquistar, mundo, divulgar, superstição, inadmissível além de termos pejorativos para desqualificar o outro. Por exemplo, na capa do livro *Deus: um Delírio*, em um período de três linhas, consta as palavras: ataque, superstição, mundo, cientista e razão. Atitudes de amor geralmente dão lugar a outras coisas “mais importantes” — se é que há algo mais importante que o amor para a humanidade. Em nome do amor: mata-se, humilha-se, e se faz todo tipo de perversidade, mas sempre com um discurso preparado de que os atos se dão em nome de uma causa maior.

3.3 A crença americana de um povo eleito e a satanização da Inglaterra

A Guerra dos Sete Anos (1756-1763) entre Inglaterra e França por causa das possessões e controle comercial e marítimo das colônias das Índias e da América do Norte contribuiu para exaltar os ânimos dos americanos. Essa guerra foi considerada o maior conflito armado na

Europa na segunda metade do século XVIII. A França e a Igreja Católica eram vistas pelos americanos como satânicas por se comportarem contrárias ao “justo ethos americano” — comportamento adequado para um cristão aos olhos dos americanos. Nesse momento, cristãos ingleses e americanos desenvolveram um ódio desmedido contra os católicos franceses.

Quando em novembro de 1755 uma série de terremotos abalou várias partes do mundo, o ocorrido fora interpretado por alguns protestantes como acontecimentos escatológicos. Os americanos ainda faziam parte da cosmovisão do Velho Mundo. Até então não houvera uma ruptura significativa com os antigos valores. Isso só iria acontecer quando o governo britânico, por causa da Guerra dos Sete Anos, impôs novos tributos aos americanos, o que foi considerado por eles como injustos, desencadeando um doloroso conflito o que culminou na Guerra de Independência em 1775. É a partir daí que ocorre o processo de ruptura radical com a antiga cosmovisão do Velho Mundo. A racionalidade estará presente nos líderes da Revolução — George Washington, Thomas Jefferson e Benjamim Franklin — que viam na revolução um acontecimento secular e não mais escatológico. Essa visão mais racionalista já contemplava os valores iluministas, inspirados pelos ideais modernos de John Locke. A Declaração de Independência dos Estados Unidos da América redigida por Jefferson, John Adams e Franklin é um documento iluminista em consonância com o ideal de direitos humanos do empirismo¹⁵ de John Locke. Esse documento representaria o início de um novo tempo, a ruptura em relação ao colonizador e à velha ordem. O manifesto traduzia a determinação de um povo ávido por independência política e emancipação intelectual. Os intelectuais faziam parte de uma minoria aristocrática, pois a grande maioria dos americanos era calvinista inseridos em um contexto mitológico motivado pelos mitos proféticos, portanto seus ideais eram dissonantes dos ideais inovadores como o racionalismo, o empirismo e o deísmo. Os ideais religiosos e secularistas dos colonos do novo mundo caminhavam para uma emancipação definitiva, mas ainda estavam por ser definidos. Os novos colonos se viam como herdeiros da “Terra de Emanuel”. Esta terra seria a sede do Novo Reino, e seria concedida aos santos da promessa.

Ebenezer Baldiwin, de Connecticut, assegurou que [...] Jesus estabelecerá seu Reino glorioso na América [...] William Smith, de Filadélfia, as colônias eram a ‘sede da Liberdade, das Artes e do Conhecimento das Coisas Celestes’ [...] John Adams via a colonização dos Estados Unidos como um plano divino para o esclarecimento de toda a

¹⁵ Doutrina filosófica elaborada por John Locke que enfatiza a primazia da experiência no conhecimento.

humanidade [...] Thomas Paine tinha plena convicção de que ‘cabe a nós refazer o mundo. Só na época de Noé registrou-se uma situação como a atual (ARMSTRONG, 2009, p. 123).

Os americanos cada vez mais incutiam a ideia dos Estados Unidos serem o reino milenar e que haveria uma derrota do papismo e a Guerra de Independência reforçava a crença dos americanos em um plano dividido para a destruição do Anticristo papal e que se estabeleceria finalmente um Reino milenar no novo continente. Cada vez mais aumentava o sentimento de hostilidade aos ingleses e um desejo ardente de separação do Velho Mundo. A nação inglesa se tornara para os americanos a antítese de ideal e o extremo oposto da nação americana.

Em 1786 Thomas Jefferson, com o apoio dos batistas, metodistas e presbiterianos da Virgínia, desoficializou a Igreja Anglicana por considerar que deveria haver um muro de separação entre religião e política. Logo depois esse precedente seria seguido por outros estados americanos. Aos poucos a nação americana vai absorvendo os novos ideais de modernidade. As cartas constituintes dos estados independentes após a Revolução quase não mencionam Deus. Em 1789 a Convenção da Filadélfia não se referiu a Deus na Declaração de Direitos de 1789, mesmo ano da Revolução Francesa a Primeira Emenda Constitucional separou formalmente a religião do Estado. Finalmente fica estabelecido que “o Congresso não fará nenhuma lei oficializando uma religião ou proibindo a livre prática religiosa”. As questões relacionadas a fé seria de responsabilidade do indivíduo. Seria uma questão privada e voluntária. Podia-se dizer que o iluminismo encontrara solo fértil e a Era da Razão havia se estabelecido em solo americano.

Em meados do século XVIII, os Estados Unidos, aparentemente um estado secularizado, torna-se uma nação cristã. Entre 1780-1790 as comunidades cristãs se expandem por todo o território americano e logo se tornam um número expressivo. Como se não bastasse outro fator inusitado passou a configurar o cenário político. Os novos cristãos passaram a combater as ideias iluministas dos intelectuais fundadores da nação. Acreditavam que o grande feito, a independência americana, era um feito divino. Acreditavam que, na história do povo de Deus, apenas Israel havia experimentado algo semelhante. A sacralização da nação passou a ser um objetivo a ser alcançado, pois se tratava da “nação de Deus”.

3.1 O fundamentalismo protestante: negligência aos *mythos*

Cada fundamentalismo tem as suas particularidades. Os fundamentalistas protestantes, por exemplo, “rejeitam as descobertas da biologia e da física sobre as origens da vida e afirmam que o Livro do Gênesis é cientificamente exato em todos os detalhes” (ARMSTRONG, 2009, p. 9). Por causa da sua forma de interpretar a Bíblia, também são conhecidos como literalistas. Costumam ser dóceis, mas quando confrontados em suas crenças, investem de forma contundente, seja se utilizando de raciocínios lógicos ou citando seu livro sagrado.

É histórica e teologicamente incorreto chamar “fundamentalista” qualquer pessoa que acredite vigorosa e fervorosamente nas doutrinas religiosas ou que as promove pelo evangelismo. Finalmente, é falso o estereótipo que retrata todos os fundamentalistas como pessoas incultas, desprivilegiadas social e economicamente, marginalizadas pela sociedade moderna. Muitos fundamentalistas são cultos e afluentes, e sempre foi assim (OLSON, 2001, p. 571).

Um historiador fundamentalista desse movimento do fim do século XX descreveu o movimento da seguinte maneira: “O fundamentalismo histórico é a expressão literal de todas as afirmações e atitudes da Bíblia e a exposição violenta de todas as afirmações e atitudes não bíblicas” (OLSON, 2001, p. 571).

3.2 Antecedentes históricos do fundamentalismo protestante

O pensamento racional influenciou a religião de forma tão intensa que muitos cristãos desejosos de alcançar uma fé inteiramente racional e científica optaram pelo sacrifício do *mythos* em detrimento do *logos*. “Os fundamentalistas cristãos interpretam as Escrituras com uma literalidade que não encontra paralelo na história da Religião” (ARMSTRONG, 2011, p. 15). A ortodoxia protestante entendeu que a teologia liberal fora longe demais e que estava ameaçando o “cristianismo autêntico” com toda a sua herança e tradição. A partir de um posicionamento teológico conservador extremado e separatista, com a intenção de preservar a teologia protestante clássica, combater a teologia liberal e o pensamento moderno, surge uma teologia militante que ficou conhecida como teologia fundamentalista. Inicialmente o fundamentalismo é um movimento teológico que visa defender a ortodoxia protestante clássica tanto da modernidade e como da teologia liberal.

A teologia fundamentalista plenamente desenvolvida produziu sistemas absolutos de proposições doutrinárias internamente coerentes que devem ser aceitos na íntegra, sem questionamento, ou totalmente rejeitados. Qualquer pessoa que questionasse um único

ponto do sistema doutrinário protestante fundamentalista seria acusada de heresia ou mesmo de apostasia. Era uma reação exacerbada típica do fundamentalismo extremo ao relativismo doutrinário da teologia liberal (OLSON, 2001, 570).

Do ponto de vista histórico e teológico, é possível identificar elementos constituintes do fundamentalismo protestante a partir da reação da ortodoxia protestante clássica à teologia protestante liberal, que é um movimento do século XIX. O período em que as investidas fundamentalistas mais se intensificaram foi entre 1910 e 1960. Os principais pontos defendidos pelos fundamentalistas são: a) inspiração verbal: toda a Bíblia é de inspiração divina; b) inerrância ou infalibilidade da Bíblia: esta não contém erros; c) pré-milenismo: após a *parousia*¹⁶ haveria um reino terreno em que Cristo reinaria por exatos mil anos; d) criacionismo: crença na criação do universo como descrito em Gênesis que opta por uma interpretação literal: o mundo teria sido formado em uma semana com dias de vinte e quatro horas, posição contrária ao evolucionismo de Darwin e dos teólogos liberais.

Os fundamentalistas protestantes quanto à infalibilidade da Bíblia têm algo em comum com os católicos. Estes elevaram o papa em 1870, no Concílio Vaticano I à condição de infalível e os protestantes fundamentalistas elegeram a Bíblia, radicalizando o princípio luterano *sola scriptura*.

A alta crítica¹⁷ foi outro movimento que incomodou os teólogos da teologia ortodoxa. Os teólogos ortodoxos a combateram por investigar as Escrituras empregando métodos literários e históricos objetivos. Nesse método questionava-se tudo: autoria, data, composição, local e tudo que estivesse ao alcance da investigação. Até a época da alta crítica os fundamentalistas eram intelectuais de alto nível cultural. Muitos eram ministros em suas igrejas, e tinham ampla e profunda consciência cultural e conhecimento filosófico, linguístico, histórico e teológico. Uma geração depois o movimento fundamentalista era composto por leigos que apenas defendiam suas posições baseados em pregações de ministros carismáticos.

¹⁶ Termo teológico referente à segunda volta de Cristo.

¹⁷ Refere-se aos estudos críticos da Bíblia, abordando-a como literatura e utilizando métodos aplicados a textos literários semelhantes.

3.3 Teólogos que contribuíram para o fundamentalismo protestante

Francis Turretin (1623-1687), teólogo reformado ítalo-suíço, contribuiu diretamente para a formação do pensamento fundamentalista. Publicou uma obra em três volumes intitulada *Institutiones Theologiae Elenchiticae*, considerado “o tratado mais sistemático e eficiente sobre teologia doutrinária do grupo reformado depois das Institutas de Calvino” (SPEIRS, *apud* ORSON, 2001, p. 571). Justo González afirma que Turretin foi um “expoente típico da ortodoxia protestante [...] no estilo escolástico e na metodologia” porque “nele, mais uma vez, encontramos as distinções intermináveis e sutis, os contornos rígidos, a sistematização rigorosa e a abordagem proposicional característicos do fim do escolasticismo medieval (*apud*, ORSON, 2001, p. 571).

Francis Turretin faz parte da ortodoxia protestante que enfatizava ser a Bíblia verbalmente inspirada, infalível e inerrante. Ele chega a afirmar que os pontos vocálicos do texto hebraico no Antigo Testamento — texto massorético — seriam inspirados e inerrantes. Ele simplesmente ignorou o fato desse texto ser um acréscimo dos estudiosos judaicos — conhecidos como massoretas, de onde vem massorético —, do século VIII d.C., com a finalidade de conservar a pronúncia do texto hebraico, evitando assim possíveis ambiguidades. Os ensinamentos de Turretin serviram como base nos estudos teológicos do *Princeton Theological Seminary* (Seminário Teológico de Princeton), da Igreja Presbiteriana no distrito de Princeton nos EUA. Esse foi um influente seminário teológico protestante onde a maioria dos ministros presbiterianos no século XIX era formada. A leitura da obra de Turretin era obrigatória. Quatro teólogos reformados influentes beberam nessa fonte: Archibald Alexander, Charles Hodge¹⁸, Archibald Alexander Hodge, filho de Charles, e Benjamin Breckinridge Warfield, sucessor de Hodge. Essa escola de teólogos — Alexander-Hodger-Warfield — estabelece os alicerces teológicos e doutrinários para o que se denominou mais tarde de fundamentalismo do século XX. Hodge, representante natural da ortodoxia protestante clássica, que buscava fundamentos no escolasticismo protestante dos séculos XVII e XVIII; ao criticar Schleiermacher, afirma que “o cristianismo sempre foi considerado um sistema de doutrina. Os que creem nessas doutrinas são cristãos, os que as rejeitam são, segundo o juízo da igreja, pagãos ou hereges” (ORSON, 2001, p. 571).

¹⁸ Presbiteriano autor de uma famosa obra entre os protestantes, *Teologia Sistemática*, editada no Brasil. HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo, SP: Hagnos. 2001.

Alguns movimentos religiosos, ao abrirem mão da razão, atingiram uma irracionalidade alarmante. No século XVIII um excesso emocional permeou a vida religiosa dos norte americanos. Jonathan Edwards (1703-58), o pregador do Grande Despertar¹⁹, admitiu que após o Despertar muitos fiéis tornavam-se mais calmos, mas também admitiu que “pode ser perigoso considerar a religião assunto exclusivo do coração” (EDWARDS, *apud* ARMSTRONG, 2009, p. 117).

O fundamentalismo protestante surge como uma reação direta à teologia liberal — posicionamento teológico concordante com os métodos da ciência moderna e com o evolucionismo de Charles Robert Darwin (1809-1882). Darwin é o autor da famosa obra *A origem das espécies* de 1859, que contribuiu diretamente para a reação de alguns cristãos tradicionais. Chegou-se a afirmar que a publicação desta obra foi o instante em que Darwin matou Deus. Cristãos mais tradicionais acusavam Darwin de tentar desbancar a Deus, segundo eles, o criador do universo e tudo que nele existe conforme consta nas primeiras páginas do livro de Gênesis. Mas o “ponto de partida do fundamentalismo foi dado na célebre Conferência Bíblica de Niágara, em 1878”²⁰ (MENDONÇA, 2005, p. 58). Em síntese, fundamenta-se na defesa da ortodoxia protestante a respeito da inerrância²¹ das Escrituras e por rejeitar completamente qualquer interpretação que parta da ciência moderna, principalmente do evolucionismo, posicionamento que irá proporcionar grandes debates entre evolucionismo e criacionismo. Os fundamentalistas se preocupam e defendem a todo custo a historicidade e a veracidade das narrativas bíblicas. Ao contrário de algumas religiões, que diante do mito não sentem ameaça alguma as suas crenças, os fundamentalistas não admitem nem de longe tratar, por exemplo, as narrativas dos onze primeiros capítulos de Gênesis como mito. No capítulo 29 intitulado *o cristianismo não é fábula*²² da obra *os Fundamentos*, afirma o reverendo Thomas Whitlaw: “A primeira marca da veracidade do cristianismo deve ser encontrada em sua suprema excelência como um sistema religioso”. Continua ele: “A beleza

¹⁹ Grande Despertamento ou Avivamento: foi um período de intensa atividade religiosa, principalmente no Reino Unido e nas colônias da América do Norte no século XVIII. Consistia na renovação pessoal da fé. Ao todo foram quatro avivamentos. O primeiro entre 1730-1740; o segundo 1790-1840; outro entre 1850-1900 e o último entre 1960-1980.

²⁰ Conferência que marca o momento em que foram lançadas as bases da confissão fundamentalista.

²¹ Posicionamento teológico que afirma ser a Bíblia um livro sagrado sem erros, ou seja, inerrante.

²² Atualmente quando esse tema é tratado nas Ciências da Religião costuma-se utilizar o termo mito em contraposição ao logos. O autor utiliza fábula, e termos como se fossem correlatos, tais como: lendas, ficção, fatos fabulosos ou irrealis, representação que serviu ao seu tempo, algo inventado, lenda supersticiosa, conto imaginário, fábula engenhosamente criada, mas no contexto da obra seria o que conhecemos hoje por mito e que é diferente dessas categorias.

inacessível e encanto irresistível de sua concepção, e o caráter único dos meios pelos quais ele conclui seus objetivos, não são reconciliáveis com a noção de fábulas” (p. 327). Para falar da veracidade do cristianismo, Whitlaw faz alguns contrapontos que revelam seu posicionamento quanto ao entendimento do mito. Diz ele: “penso que ele não é uma fábula, mas um fato; não uma lenda, mas uma história; não um conto imaginário, mas uma verdade sólida” (p. 335).

3.4 Marcos do fundamentalismo protestante

Para entendermos o fundamentalismo protestante se faz necessário retomar alguns marcos que contribuíram para delinear um grupo de protestante com características peculiares. “O primeiro grupo de tamanho e relevância a chamar seus membros ‘fundamentalistas’ foi a Associação dos Fundamentalistas fundada em 1920 pelo diretor de uma das principais revistas batistas conservadoras chamada *Watchman-Examiner*” (Orson, 2001, p.577). Esse grupo toma grande proporção e se espalha pelo mundo como missionários. “O fundamentalismo institucionalizou-se como movimento internacional após a Segunda Guerra Mundial com a fundação do Conselho Internacional de Igrejas Cristãs, em 1948, em Amsterdã, sob a liderança do pastor presbiteriano norte-americano Carl McIntire (1906-2002)” (MENDONÇA, 2005, p. 58).

A – Conferências Bíblicas de Niágara

As *Niágara Bible Conferences* (Conferências Bíblicas de Niágara) realizadas de 1878 a 1895 em Niágara Falls é o momento em que foram lançadas as bases da confissão fundamentalista. Os assuntos tratados nessa conferência foram “a) a absoluta inerrância do texto sagrado; b) a reafirmação da divindade de Cristo; c) o nascimento virginal de Cristo; d) a redenção garantida pela morte e ressurreição de Cristo; e) a ressurreição da carne e a certeza da segunda vinda de Cristo” (FERREIRA, 2010 p. 91). Analisando os pontos acima é possível identificar muitas igrejas evangélicas no Brasil que preservam e repercutem essas doutrinas.

B – A Bíblia de Estudos de Scofield

Diferentemente da visão católica na Idade Média quanto ao hábito de leitura da Bíblia, os protestantes se empenharam ao máximo para que os cristãos não apenas a lessem, mas que a interpretassem. Eles não acreditavam ser necessário o auxílio de intelectuais para

compreendê-la, aliás um dos propósitos da Reforma foi justamente colocar a Bíblia nas mãos do povo. Nessa mesma linha de raciocínio, em 1909, o pastor congregacional Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921) lança a Bíblia de estudos *Scofield Reference Bible* (Bíblia de Referência de Scofield). Essa Bíblia faz muito sucesso por causa das suas notas explicativas, é o que se conhece hoje como Bíblia de estudos. Na América Latina tornou-se popular entre os pentecostais. A edição em português chega ao Brasil em 1983. Essa notas acabavam influenciando os leitores com a teologia do autor. Scofield professava a doutrina dispensacionalista²³. Naturalmente por onde a *Bíblia de Scofield* passava acabava disseminando o dispensacionalismo. Essa forma de interpretar a Bíblia levou discórdias para outros movimentos evangélicos.

Geralmente os Reformados dividem a Bíblia em apenas dois pactos: o das obras, e o da graça. O primeiro feito com Adão e o segundo entre Pai e Filho. Após a desobediência de Adão entrou em vigor o segundo pacto, o da graça. Para os dispensacionalistas que dividem a Bíblia em sete períodos, os cristãos estariam desobrigados em cumprir os dez mandamentos, já que estes mandamentos estariam situados no período da lei, utilizando o termo próprio, na dispensação da lei, e a dispensação atual seria o período da graça.

C – Obra: Os Fundamentos

Os fundamentalistas cristãos evangélicos recebem forte e marcante influência dos protestantes americanos. Em 1909 é publicado nos Estados Unidos, uma obra que ficou mundialmente famosa, *The Fundamentals (Os fundamentos)*.²⁴ Obra de cunho apologético publicada sob o patrocínio de empresários, magnatas do petróleo da Califórnia, de pastores presbiterianos, batistas e metodistas. A publicação dessa obra é fator crucial como conteúdo doutrinário e o título vai reforçar o nome do movimento “fundamentalista”. Inicialmente é publicada em forma de fascículos de teologia, abordando nove temas considerados fundamentais contra o

²³ Dispensacionalismo é uma doutrina teológica e escatológica surgida na Inglaterra baseada no sistema de interpretação bíblica desenvolvida pelo irlandês John Nelson Darby (1880-1882). Defende que Deus se relaciona com os seres humanos de diferentes formas em diferentes dispensações ou períodos bíblicos, que são sete: inocência (Gn 1:28 – no Éden); consciência (Gn 3:7 – da queda do dilúvio); governo humano (Gn 8:15 – de Noé a Babel); promessa (Gn 12:1 – Abraão ao Egito); lei (Êx 19:1 – Moisés a João Batista); Igreja ou graça (Jo 1:17 e At 2:1) e reino ou milênio (Ap 20:4) período de mil anos em que haverá um reino terreno de Cristo de acordo com Apocalipse 20:1-8.

²⁴ Em 2005 é traduzido e publicado no Brasil. *Os Fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2005.

liberalismo teológico. Os nove pontos abordados são: 1) a inspiração e a inerrância da Bíblia; 2) a trindade; 3) o nascimento virginal e a divindade de Cristo; 4) a queda do homem e o pecado original; 5) a morte expiatória de Cristo para a salvação dos homens; 6) a ressurreição corporal e a ascensão de Jesus; 7) o retorno pré-milenar de Cristo; 8) a salvação pela fé e o novo nascimento; 9) o juízo final.

Entre 1910 e 1915 foram produzidos três milhões de exemplares e distribuídos gratuitamente aos cristãos de fala inglesa. Nesse livro constam as principais doutrinas que vão caracterizar o perfil dos cristãos evangélicos do novo continente, diferenciando-os assim dos cristãos liberais.

Naquele momento da história, o Fundamentalismo tornava-se uma força que contava, graças a pregadores efetivos, com conferências bíblicas populares e com publicações que ensinavam ‘os fundamentos’, assim como também expunham a crescente apostasia daqueles dias. A *Scofield Reference Bible*²⁵ foi publicada em 1909 e tornou-se o texto padrão para os estudiosos da Bíblia da escola dispensacional. (TORREY, 2005, p. 13)

A intenção de começar um novo e significativo movimento cristão era tanta que no prefácio dos *Fundamentos* W. B. Riley, um dos pregadores da Conferência Mundial sobre os Fundamentos Cristãos, afirma apostar que o futuro olhará de volta para esta conferência “como um evento mais histórico do que a fixação, em Wütemberg, das noventa e cinco teses de Martinho Lutero. Chegou a hora do surgimento de um novo Protestantismo” (p.13).

Ainda em 1909, também com a finalidade de combater os intelectuais adeptos do socialismo, relativismo, materialismo e ceticismo — que tentavam responder as questões existenciais da humanidade —, foi publicada pelo teólogo inglês Gilbert Keith Chesterton, *Ortodoxia*²⁶, obra muito conhecida entre teólogos protestantes. O título indica o conteúdo da obra, isto é, fazer oposição à Teologia liberal e ao movimento racionalista. O livro inicia descrevendo sua intenção: “a única desculpa para este livro é que se trata de uma resposta a um desafio. Mesmo um mau disparo tem sua dignidade quando se aceita um duelo” (2008, p. 7). Noutra parte diz ele: “Quando a palavra ‘ortodoxia’ é usada aqui, ela significa o Credo dos apóstolos,

²⁵ *Bíblia de Referência de Scofield*. A edição em português chega ao Brasil em 1983 e fez muito sucesso entre os evangélicos pentecostais.

²⁶ *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

como era entendido por todos os que se chamavam cristãos até pouco tempo atrás e a conduta histórica daqueles que adotavam esse credo” (p. 23).

No contexto europeu o alemão Albert Schweitzer em 1906, havia lançado um livro intitulado *A Busca do Jesus Histórico*. Os intelectuais se utilizavam de métodos historiográficos para reconstruir a biografia de Jesus Cristo. É o período da produção acadêmica do Jesus Histórico versus o Jesus da Fé. Todos esses posicionamentos teológicos modernos não ficaram sem respostas. A cada dia, cristãos protestantes como os organizadores dos *Fundamentos* e *Ortodoxia* criticavam e combatiam as doutrinas cristãs que se afastavam da ortodoxia clássica.

D – *A participação na esfera pública e o fim do fundamentalismo primitivo*

Outro fato que vai marcar o fundamentalismo protestante é a sua participação e intervenção na esfera pública. Até o começo da década de 1920, o sentimento dos americanos em relação ao Darwinismo era o mesmo que o dos Ingleses. A teoria da evolução foi aceita, até então, sem causar conflitos com a religião. Após 60 anos da publicação da Teoria de Darwin, a América do Norte é atingida por uma cruzada antievolucionista que surpreendeu o mundo. Um tipo de cristianismo extremista entra em cena no Sul dos Estados Unidos. No estado do Tennessee institui-se uma lei proibindo o ensino da teoria da evolução nas escolas. “Eles têm lutado contra o ensino da teoria da evolução nas escolas públicas, porque contradiz a história da criação narrada no primeiro capítulo do Gênesis” (ARMSTRONG, 2011, p. 15).

Em julho de 1925, a *American Civil Liberties Union, ACLU*, “União Norte-americana de Direitos Civis” provoca a prisão de um professor de biologia do ensino médio. Em Dayton, no Estado do Tennessee, o professor John Thomas Scopes foi processado sob a alegação de ensinar a teoria da evolução de Charles Darwin. “Nos Estados Unidos, os fundamentalistas protestantes elaboraram uma ideologia conhecida como ciência da criação, que considera os *mythoi* da Bíblia cientificamente acurados” (ARMSTRONG, 2011, p. 15). A questão vai parar nos tribunais, transformando-se no famoso “caso Scopes do julgamento dos macacos”. Um dos líderes ativistas do fundamentalismo era William Jennings Bryan (1860-1925), ex-candidato à presidência dos Estados Unidos e Secretário de Estado do presidente Wilson. Bryan liderou o processo no julgamento de Scopes como promotor, assumindo o papel de porta-voz do fundamentalismo e antagonista incansável do “progresso ímpio”. Declarava ele:

“Estou mais interessado na Rocha Eterna que na idade das rochas” (BBC). Bryan acusava o darwinismo de corromper a moral dos americanos. Por causa de sua postura, transformou-se numa espécie de herói popular e folclórico. O interessante da crença de William Bryan era que ele entendia os períodos da criação em Gênesis não como dias literais de 24 horas, mas cada um dos seis dias como eras geológicas de tempo. Defendia o criacionismo da Terra Antiga. Ele até acreditava que a Terra tinha milhões de anos, mas não aceitava a teoria de Darwin.

O defensor de Scopes foi Clarence Darrow, um famoso advogado criminalista e agnóstico de Chicago. Durante o processo chegou a afirmar: “se hoje tratam como crime o ensino da evolução na escola, amanhã poderão proibir livros e jornais” (BBC). Devido à ingenuidade dos fundamentalistas representados pelo promotor Bryan, em responder às indagações do advogado de defesa, o processo se transformou em um espetáculo cômico na mídia a julgar pelo título dado: “caso Scopes do julgamento dos macacos”. Foi o primeiro evento a ser transmitido ao vivo pelo rádio em rede nacional. Os fundamentalistas acabam sendo ridicularizados e humilhados pelo público e pela imprensa, a qual participa em peso informando ao mundo o que estava acontecendo naquele estado “em nome de Deus”.

As respostas de Bryan no banco das testemunhas de defesa às perguntas de Darrow foram de uma ingenuidade constrangedora e Darrow e Mencken fizeram Bryan e o ímpeto do fundamentalismo contra o evolucionismo parecerem tolos obscurantistas determinados a atrasar o relógio cultural aos tempos pré-modernos e pré-científicos. Cinco dias depois do julgamento, Bryan morreu em desonra e, posteriormente, as leis antievolucionistas foram revogadas por tribunais superiores (OLSON, 2001, p. 579).

A partir desse evento o darwinismo e o criacionismo entraram em guerra. Para alguns protestantes americanos radicais, essas duas posições pareciam irreconciliáveis. O fundamentalismo consegue condenação para Scopes, mas ao mesmo tempo é condenado pela opinião pública. Esse caso teve uma repercussão tão grande que inspirou a Broadway a lançar, em 1955, uma peça intitulada *Inherit the Wind*²⁷ “O vento será a sua herança”, alusão a um versículo bíblico do livro de Provérbios que diz: “Quem deixa a casa em desordem herdará vento” (Pv 11:29). Dois filmes foram gravados com o mesmo título, um em 1960 e outro em 1999.

²⁷ No filme os jornais chamam esse julgamento de “O Julgamento do Macaco”.

O historiador Roger Olson²⁸ identifica o fundamentalismo protestante antes de 1925 como “O fundamentalismo primitivo”. Até antes desse evento o fundamentalismo era visto como um movimento muito bem articulado formado por intelectuais que defendiam a ortodoxia protestante seguindo a teologia da Escola de Teologia de Princeton. Discordavam do pensamento moderno e da teologia liberal, no entanto eram vistos com grande respeito nos debates, contudo, após a postura antivolucionista e ditatorial somada ao fiasco do “caso Scopes do julgamento dos macacos” em 1925, o fundamentalismo passa a ser visto com reservas perante as comunidades teológicas e fica sem representantes notáveis como eram os teólogos da Escola de Teologia de Princeton. Ao invés das questões teológicas, passam a um ativismo antiliberal com campanhas populares contra o evolucionismo, comunismo, ecumenismo, e pró- separatismo — os “cristãos genuínos” não deveriam ter contato com os “falsos cristãos”, algo como “separar-se do mundo”. O fundamentalismo nessa nova fase torna-se extremista.

Entre 1950 e 1960, grupos radicais e separatistas advindos do fundamentalismo norte-americano preferiram, ao invés da designação “fundamentalistas”, autodenominar-se “evangélicos”, mesmo que suas crenças ainda tivessem muito do fundamentalismo, como por exemplo, interpretação literal da Bíblia principalmente no que se refere ao início e ao fim dos tempos encontrados nos livros de Gênesis e Apocalipse. No final do século XX, muitas instituições antes denominadas “fundamentalistas” passam a utilizar a expressão “evangélica conservadora”:

O fundamentalismo foi e continua sendo um grupo poderoso do cristianismo norte-americano a despeito das várias proclamações de seu falecimento. Esse fato é especialmente verdadeiro se caracterizarmos o fundamentalismo como movimento que abrange todos os cristãos protestantes que procuram defender as doutrinas e opiniões tradicionais do protestantismo ortodoxo contra o modernismo em todas as suas formas e que sustentam que o cristianismo bíblico autêntico inclui a crença na inspiração verbal e inerrância sobrenatural das Escrituras e na hermenêutica literalista. Se restringirmos a definição incluindo somente aqueles que praticam também alguma forma de “separação bíblica”, nesse caso, a influência do movimento enfraqueceu e entrou em declínio nas décadas posteriores a 1925. Essa é a distinção, já mencionada, entre o fundamentalismo moderado e extremado. Enquanto o tipo moderado está se fortalecendo, o extremado parece ter estagnado e até mesmo recuado. (OLSON, 2001, p.583).

²⁸ OLSON, Roger. História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e Reformas. São Paulo: Vida, 2001.

E – *Explicações científicas para validar o criacionismo*

Por 2.000 mil anos muitos cristãos aceitaram uma interpretação não literal da Bíblia. Mas vez por outra surgiam indivíduos ou grupos voltando-se para a literalidade das escrituras. Um desses empreendimentos a romper com a tradição antiga ocorreu em 1961. Nos anos 60, a América havia mudado radicalmente e para os fundamentalistas protestantes, havia mudado para pior. Sexo fora do casamento, drogas, bebidas, tolerância ao aborto, homossexualidade e outras questões eram rejeitadas pelos fundamentalistas. Eles interpretavam esses indicadores como sintomas de uma sociedade decadente e imoral, afirmavam que o retorno da moral só seria possível retomando o sentido literal da Bíblia. Em 1961 foi publicado por John C. Whitcomb e Henri M. Morris o livro *The Genesis flood: the biblical record and its scientific compilations* (*O dilúvio do Gênesis: o registro bíblico e suas implicações científicas*). Esse livro pretendeu fornecer uma explicação científica para validar a crença bíblica na criação. Atualmente é um best-seller.

F – *Proibições e interferências do fundamentalismo na Suprema Corte*

Outro momento marcante que contribuiu para o desenvolvimento do fundamentalismo tem início com dois atos da Suprema Corte americana. Em 1962 a proibição de orações nas escolas públicas, e a declaração, em 1973, da liberação do aborto. Esses atos abrem precedentes para os fundamentalistas irem às ruas em campanhas contra o aborto, o comunismo e os homossexuais, sob a alegação de estarem tentando salvar a pátria. Em 1979 o televangelista, pastor batista fundamentalista do sul, Jerry Falwell (1933-2007), organiza o grupo “Moral Majority” (“Maioria Moral”) para apoiar os candidatos compromissados com a missão de combater o aborto, a homossexualidade, a pornografia, o humanismo e a destruição da família. Em 1985, criou a “Liberty Federation” (“Federação Liberdade”), que depois tornou-se a Liberty University (“Universidade Liberdade”). Todos os professores deveriam ser cristãos “renascidos”, ou seja, convertidos ao protestantismo fundamentalista, além de compromisso incondicional com a visão de mundo fundamentalista. Os alunos cursariam uma disciplina intitulada “história da vida”, estudo aprofundado de cunho apologético que combatia o evolucionismo em defesa do criacionismo.

Os fundamentalistas tiveram forte influência na disseminação das crenças protestantes pelo mundo. Incontáveis missionários se aventuraram pelos quatro cantos da terra levando suas

doutrinas e cosmovisão. Essa influência é perceptível até hoje, principalmente em igrejas evangélicas oriundas dessa tradição. Entre elas estão batistas, presbiterianos, congregacionais, assembleianos, adventistas do sétimo dia, além de outras. Os fundamentalistas protestantes rejeitam e combatem o secularismo, o racionalismo, o evolucionismo e qualquer tentativa das ciências de refutar a compreensão de criação do mundo que não seja teológica e baseada no livro do Gênesis. Também rejeitam vários elementos culturais da modernidade, modismos e vícios como a dança, o cigarro, a bebida e o sexo antes do casamento, entre outras práticas.

3.7 O segundo grande despertar

Ao contrário do primeiro, o segundo reavivamento ou o segundo grande despertar foi muito mais radical do que o anterior. Os integrantes além das conversões, estavam empenhados e moldar a sociedade ao estilo da religião, algo impensável pelos fundadores da nação. Os novos pregadores, ao contrário de Jonathan Edwards e George Whitefield, eram pouco letrados e odiavam acadêmicos. Mencionavam as passagens do Novo Testamento sobre as condições igualitárias, alegando que Cristo havia se dirigido aos pobres e iletrados. Apregoavam a ideia de que todo cristão tinha a liberdade de interpretar a Bíblia sem o auxílio dos estudiosos. Seus sermões eram de expressão grandiloquente e de cunho altamente emocional levando às vezes os fiéis ao êxtase. Os pregadores enfatizavam as experiências da fé como sonhos, visões, sinais e prodígios. Um pouco parecido com os cultos pentecostais de nossos dias. Acreditavam que uma mudança climática poderia ser um sinal de Deus para a humanidade. É o que se podia chamar de um cristianismo mais popular em relação ao cristianismo vigente. Esse movimento religioso caminhava em sentido contrário à modernidade e aos ideais da Era da Razão. Como os intelectuais não conseguiam alcançar diretamente as massas, esses grupos preencheram uma lacuna da ordem da espiritualidade e da fé e lhes conferiram um sentimento de pertença e dignidade. É nesse período que vão se originar novas formas de cristianismo como o mormonismo de Joseph Smith. Essa reação radical ao racionalismo científico da Era da Razão contribuiu para imprimir nos cristãos americano um jeito de ser que contempla o indivíduo e caracterizaram a sua cultura e uma marca no estilo político americano.

Os movimentos religiosos americanos de cunho fundamentalista em algumas áreas contribuíram com ações relevantes para a sociedade. Após o Segundo Grande Despertar, os cristãos começaram a lutar por um mundo melhor, exaltando sempre o valor do indivíduo,

engajando-se em movimentos pela temperança e em campanhas contra a escravidão, contra o álcool e a opressão dos grupos marginalizados. Em meados do século XIX, os evangélicos saem da condição de grupos marginalizados e conquistam seu espaço na sociedade americana.

3.8 Singularidades dos fundamentalismos

Não é difícil perceber que os fundamentalistas em geral defendem suas crenças como sendo a única verdadeira. Entre os batistas, por exemplo, há quem defenda que eles vêm de uma linhagem direta da igreja primitiva, não passaram pela reforma protestante. Inclusive há um livro publicado nos Estados Unidos pelo Dr. J. M. Carrol, intitulado *Rasto de sangue* o qual apresenta um gráfico indicando que os batistas são oriundos diretos da igreja primitiva. Logo na introdução do livro consta: “A história das Igrejas Batistas, desde o tempo de Cristo, seu fundador, até os nossos dias”. Karen Armstrong em sua obra *Em nome de Deus* faz uma observação aos fundamentalistas: “Ainda como os movimentos fundamentalistas, todas essas novas seitas se voltavam para uma ordem primitiva do passado, decididas a reconstruir a fé original: todas se apoiavam nas Escrituras, interpretando-as ao pé da letra e, com frequência, de maneira simplista. Todas também tendiam a ser ditatoriais” (2009, p. 132).

O fundamentalismo protestante é um desses acontecimentos inesperados que contrariam as expectativas e as tendências de determinada época. Mesmo com o avanço da Ciência, e com o advento do racionalismo — posição filosófica que privilegia a razão, ou seja, a racionalidade do mundo natural e do mundo humano, como exigência fundamental da ciência em seus discursos lógicos verificáveis —, em detrimento da experiência do mundo sensível. “À medida que se acostumavam com essa racionalização de sua vida, o *logos* ganhava prestígio e o mito caía em descrédito” (ARMSTRONG, 2009, p. 96). Entre os filósofos do racionalismo como Descartes, Spinoza e Leibniz, o método científico atinge o status de ser o único meio confiável de se alcançar a verdade. Contrariando as predições de muitos intelectuais, a religião ainda está longe de ser algo secundário mesmo na sociedade atual — pós-moderna. Algumas religiões se reinventaram e as espiritualidades passaram a categorias de multiplicidade, porém não menos importante para o homem da atualidade. O fundamentalismo protestante é um desses movimentos que se recusam a desaparecer. Ele está presente, atuante e com muito fôlego.

Considerações finais

É muito difícil em nossos dias afirmar que em um belo dia um casal juntou-se com uma serpente para “bater papo”. A narrativa de Adão e Eva — assim como as narrativas bíblicas em geral —, segue um gênero literário a fim de alcançar seu propósito que é dialogar com os ouvintes. Atribuir à narrativa determinado gênero aleatoriamente poderá comprometer o seu propósito e descaracterizar a composição. Percebe-se que o referido texto apresenta considerável teor poético e nada no texto nos assegura tratar-se de um relato a partir de um escritor observador, o que justificaria a descrição dos detalhes. Agostinho de Hipona, o doutor da Igreja, em seu *Comentário de Gênesis* Livro I, capítulo XIX, intitulado “Prudência na interpretação das Escrituras”, chama a atenção de seus contemporâneos quanto às interpretações criativas: “E se lermos alguns escritos sobre assuntos obscuros e muito ocultos aos nossos olhos, mesmo divinos, [...], não nos lancemos com precipitada firmeza a nenhuma delas, para não cairmos em erro”. No capítulo seguinte continua: “é muito vergonhoso, pernicioso e digno de se evitar ao máximo que um cristão fale destes assuntos como estando de acordo com Escrituras cristãs, pois ao ouvi-lo deliberar de tal modo que, como se diz, cometa erros tão absurdos, um infiel mal consegue segurar o riso” (AGOSTINHO, 2005, p. 45).

Pelo andar da carruagem, o fundamentalismo protestante ainda está muito bem representado. Em 28 de maio de 2007, em Petersburg, norte do estado de Kentucky nos Estados Unidos, foi inaugurado o *Creation Museum*²⁹ (Museu da Criação). Na verdade não se trata de um museu, mas de um imenso parque temático contra a evolução. Os organizadores dessa instituição pretendem apresentar relatos das origens do universo, baseados na interpretação literal do livro de Gênesis. O parque faz parte de uma empresa privada financiada por doações através do ministério apologético “Answers in Genesis” (“Respostas no Gênesis”). Teve a adesão de 5.000 sócios fundadores e custou ao setor privado o montante de 27 milhões de dólares, ocupando uma área de 20 hectares de terra. Na cerimônia de abertura estavam presentes 130 jornalistas credenciados. Em julho de 2007, contabilizou a presença de mais de 100 mil visitantes. Em setembro do mesmo ano passou a 200 mil. Em cinco meses alcançaram o total de 250 mil visitantes. No nono mês dobrou o número e em 26 de abril de 2012 o museu atingiu um milhão de visitantes.

²⁹ <http://creationmuseum.org/>. Acessado em 10.11.2012.

Em 13 de julho de 2009 o portal de notícia da revista eletrônica G1 da Globo.com³⁰ publicou matéria do Repórter Kenneth Chang do *New York Times*, descrevendo a estupefação da paleontóloga Dra. Tamaki Sato com o que presenciou no museu, por exemplo, placas descrevendo vários dinossauros originados em períodos geológicos distintos, mas com datas de desaparecimento iguais, cerca de 2.348 a.C. Uma exposição curiosa apresenta dinossauros e homens coexistindo no mesmo ambiente. Em outra há dinossauros a bordo de um modelo da Arca de Noé (Gn 6–9). Segundo a paleontóloga, camadas de rochas representam um acúmulo de centenas de milhões de anos. O palestrante e pesquisador da “Answers in Genesis”, Dr. Terry Mortenson, chegou a afirmar que não esperava que o visitante mudasse a mente, e completou: “Tenho certeza que, em grande parte, eles têm uma visão diferente do que é apresentado aqui, Só vamos dar a liberdade de ver o que eles querem ver”.

Há uma enorme discrepância entre a “Answers in Genesis” e o museu de história natural em Yale. No primeiro, as exposições afirmam que a Terra e todas as suas formas de vida têm no máximo 6 mil anos e fora criada em seis dias de 24 horas — é a teoria criacionista da Terra Jovem, curiosamente contrária à teoria do promotor Bryan no “caso Scopes do julgamento dos macacos” que defendia a teoria da Terra Antiga. Já o museu de Yale afirma que os primeiros humanos viveram 65 milhões de anos depois dos últimos dinossauros.

A matéria esclarece que muitos paleontólogos tecem críticas ao museu da criação alegando que ele representa mal e ridiculariza os próprios cientistas e seu trabalho, além de culpá-los pelos males da sociedade. “Acho que eles deveriam dar um novo nome ao museu — não Museu da Criação, mas Museu da Confusão”, afirmou a Dr. Lisa E. Park, professora de paleontologia da Universidade de Akron. Concluiu ela: “Como cristã, fiquei decepcionada”. O matemático da James Madison University, na Virgínia, e blogueiro de assuntos relacionados à evolução, Jason D. Rosenhouse, desabafou: “Odeio que isso exista, mas, já que isso existe, você pode se divertir aqui. Eles fazem um ótimo show, se você [conseguir] consegue segurar sua descrença”. Ao fim da matéria há uma afirmação do Dr. Derek E.G. Briggs, diretor do Museu Peabody de História Natural, em Yale:

‘Gosto da ideia de que os dinossauros estavam na arca’, disse ele. Cerca de 50 tipos de dinossauros foram embarcados com Noé, explica o museu, mas depois eles foram extintos,

³⁰ <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1228111-5603,00.html>. Acessado em 10.11.2012.

por razões ainda desconhecidas. Briggs se deu conta de que o museu provavelmente muda poucas mentes. ‘Mas me preocupo com os pequenos’, disse ele.

Assim como aconteceu no “caso Scopes do julgamento dos macacos”, em 1925, outra vez os fundamentalistas protestantes tornam-se motivo de chacotas. Mas mesmo assim percebe-se que a discussão entre criacionismo e evolucionismo ainda está longe de chegar ao fim.

A essência de todas as imagens do Paraíso incide na necessidade de se almejar um espaço ideal e um tempo propício. Quando diante do sofrimento intenso o *logos* falhar em nos dar respostas, nos restará os mitos. Eles apontarão para além do tempo e do espaço. Ele nos oferecerão explicações existenciais amenizando a fragilidade humana.

[...] O estado de sofrimento humano surge da separação de um lugar original e de um estado de êxtase livre de conflitos, causada pela culpa humana. Com base nesse conceito arquetípico, parece que o mito do Paraíso nos fornece três pontos centrais sobre os quais revolve a imaginação, o pensamento e o esforço (JACOBY, 2007, p. 271).

Esse assunto não se esgota. Atualmente estudos sobre os mitos vêm ganhando cada vez mais espaço como categoria explicativa dos primórdios da humanidade e a passos largos vem conquistando aqueles que rejeitam a cosmovisão bíblica dos literalistas. Escritores como Joseph Campbell, Mircea Eliade, José Severino Croatto, Karen Armstrong têm contribuído de forma significativa para uma releitura dos mitos. “A convicção conservadora de que tudo já foi dito, contrapõe um processo dialético em que os homens estão constantemente empenhados na destruição de ideias antigas que já foram sagradas e incontestáveis”. (ARMSTRONG, 2009, p. 136).

Os textos bíblicos são riquíssimos e estão repletos de lições importantes para a vida. É possível extrair dos textos mítico-poéticos belíssimas lições. Na narrativa de Adão e Eva, por exemplo, além da ideia de pecado ou “queda”, é possível trabalhar a condição humana e a responsabilidade do indivíduo, pois como afirmou Schopenhauer, “o homem está condenado a fazer escolhas”. Trata-se da condição humana. Na vida, nem tudo faz sentido ou é explicado satisfatoriamente. Saber conviver com essas questões seria um salto quântico para aqueles que vivem segundo doutrinas advindas de interpretações também humanas. Um pergunta interessante seria: “qual é a verdade que o texto quer transmitir”? Ao invés de perguntar “qual é o fato”? Há questões tão complexas que só os mitos conseguem tocá-las. Os deuses por

exemplos com as seus atributos: onisciência, onipotência, eternidade, todo poderoso, e outras grandezas incompreensíveis e inacessíveis e distantes dos seres humanos. Falar delas não é tarefa da história, mas dos mitos. As narrativas míticas dão suporte para as questões que estão além da nossa capacidade de entender.

Nesta vida sem sentido eu já vi de tudo:

um justo que morreu apesar da sua justiça,
e um ímpio que teve vida longa apesar da sua impiedade.

Há mais uma coisa sem sentido na terra:

justos que recebem o que os ímpios merecem,
e ímpios que recebem o que os justos merecem.

Isto também, penso eu, não faz sentido

Todos partilham um destino comum:

o justo e o ímpio, o bom e o mau, o puro e o impuro,
o que oferece sacrifícios e o que não os oferece. (Ec 7:15; 8:14; 9:2).

Referência Bibliográfica

- ABADÍA, José Pedro Tusaus. A Bíblia como literatura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- AGOSTINHO, Santo. Comentário ao Gênesis. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Patrística; 21)
- AICHELE, George. *et alii*. A Bíblia pós-moderna: Bíblia e cultura coletiva. São Paulo: Loyola, 2000.
- ALTER, Robert e KERMODE, Frank. Guia Literário da Bíblia. São Paulo: UNESP, 1997.
- ALTER, Robert. A Arte da Narrativa Bíblica. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALVES, Rubem. Perguntaram-me se acredito em Deus. São Paulo: Planeta, 2007.
- ARANA, Ibáñez Arana. Para compreender o livro do Gênesis. São Paulo: Paulinas, 2003.
- ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARENS, Eduardo. A Bíblia sem mitos: uma introdução Crítica. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ARCHER, Gleasson. Enciclopédia de Temas Bíblicos. Respostas as principais dúvidas, dificuldades e “contradições na Bíblia”. São Paulo: Vida, 2001.
- ARMSTRONG, Karen. Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. Karen. Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BARBOUR, Ian G. Quando a Ciência Encontra a Religião. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- BETTENSON, Henry. Documentos da Igreja Cristã. São Paulo: Aste, 2007.
- BEEKE, Joel. (Org.) São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- Bíblia de Jerusalém (2ª impressão) São Paulo: Paulus, 2003.
- Bíblia Online 3.0. Módulo Avançado CD-ROM. Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.
- Bíblia Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.
- BOICE, James Montgomery. O Alicerce da Autoridade Bíblica. 2ª ed. São Paulo. Vida Nova, 1989.
- BONI, Luis Alberto De. (Org.). Fundamentalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- BRAATEN, Carl e JENSON, Robert W. Dogmática Cristã. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. Org. por Betty Sue Flowers; São Paulo: Palas Athenas, 1990.

CHERSTERTON, G. K., Ortodoxia. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

CHOURAQUI, André. A Bíblia no Princípio (Gênesis). Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CROATTO, José Severino. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

BROCKELMAN, Paul. Cosmologia e criação: a importância espiritual da cosmologia contemporânea. São Paulo: Loyola, 2001.

BRUNNER, Emil. A Doutrina da Criação e Redenção. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BULTMANN, Rudolf. Crer e Compreender: ensaios selecionados, edição revista e ampliada; São Leopoldo: Sinodal, 2001.

_____. Demitologização: Coletânea de ensaios; São Leopoldo. Sinodal, 1999.

_____. Jesus Cristo e Mitologia. 45ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2003.

CHOURAQUI, André. A Bíblia no Princípio (Gênesis). Rio de Janeiro: Imago, 1995.

COENEN Lothar e BROWN Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Raízes da Teologia Contemporânea. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

CUNNINGHAM, Conor. “Did Darwin Kill God?”. (Doc. Da BBC), 2009.

Dicionário Bíblico Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2000.

Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Loyola, 2004.

Dicionário VINE – O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias Deus, 2002.

HARRIS, R. Laird. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (Vol. 1 e 2). São Paulo: Vida Nova 1998.

DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III. Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DOCKERY, David. Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva. São Paulo: Vida, 2005.

DREHER, Martin Norberto. Fundamentalismo. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

ELIADE, Mircea. Aspectos do Mito. Lisboa – Portugal. Edições 70, 1963.

- _____. Tratado de história das religiões. 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 1998.
- _____. O Mito do Eterno Retorno. São Paulo. Mercuryo, 1992.
- _____. O Sagrado e o Profano: A essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, Franklin e MYATT, Alan. Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo, Vida Nova, 2007.
- FERREIRA, Franklin. Agostinho de A a Z. (série pensadores cristãos). São Paulo: Vida, 2006.
- FERREIRA, Julio Andrade (Org.) Antologia Teológica. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.
- FERREIRA, Valdinei. Protestantismo e modernidade no Brasil: da utopia à nostalgia. São Paulo: Editora Reflexão, 2010.
- FRANZ, Marie-Louise von. Mitos de Criação. São Paulo: Paulus, 2003.
- FREUD, Philip. Mitos da Criação: As origens do universo nas religiões, na mitologia na Psicologia e na Ciência. São Paulo: Cultrix, 2008.
- FRYE, Northrop. O Código dos Códigos: a Bíblia e a literatura. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GABEL, John B e WEHEELER, Charles B. A Bíblia como Literatura. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- GEFFRÉ, Claude. Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GIBELLINI, Rosino. A Teologia do Século XX. São Paulo: Loyola, 2002.
- GIRARD, Marc. Os símbolos na Bíblia: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal. São Paulo: Paulus, 1997.
- GRENS Stanley J. e OLSON, Roger E. A Teologia do Século 20. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- GRUDEM, Wayne. Teologia Sistemática Atual e Exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- GUNNEWEG, Antonius H. Hermenêutica do Antigo Testamento. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003.
- HALEY, Henry Hampton. Manual Bíblico de Haley. São Paulo: Vida, 2001.
- HIGUET, Etienne A. Teologia e Modernidade. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.
- HODERN, William. Teologia Contemporânea. São Paulo: Hagnos, 2003.

JACOBY, Mario. Saudades do paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo. (coleção amor e psique). São Paulo: Paulus, 2007.

JUNG, Carl G. O Homem e Seus Símbolos. 2ª edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

KIDNER, Derek. Gênesis – Introdução e Comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1979.

KRAUS, Heinrich; KÜCHLER, Max. As origens: um estudo de Gênesis 1–11. São Paulo: Paulinas, 2007.

LASOR, William S. HUBBARD, David A. BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LEONEL, João. (Org.). Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro. São Paulo: Fonte Editorial / Paulinas, 2010.

LOGMAN III, Tremper. Como ler Gênesis; São Paulo: Vida Nova, 2009.

LURKER, Manfred. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos. São Paulo: Paulus, 1993.

Manual Bíblico Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2001.

MARASCHIN, Jaci e PIRES, Frederico Pieper (Org). Teologia e Pós-modernidade: Ensaios de teologia e filosofia da religião. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

MARQUES, Maria Antônia. Deus viu que tudo era bom: Entendendo o livro de Gênesis 1-11. São Paulo: Paulus. 2ª edição, 2007.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

MESTERS, Carlos. Por trás das palavras: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. São Paulo: 10ª Edição, Vozes, 2007.

MCGRATH. Alister E. Fundamentos do Diálogo entre Ciência e Religião. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Alister E. Teologia Sistemática, histórica e filosófica; Uma introdução à Teologia Cristã. São Paulo: Shedd, 2005.

MILLER, Stephen M. & HUBER, Robert V. A Bíblia e sua História – O Surgimento e o Impacto da Bíblia. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

MOSER, Antônio. O pecado: do descrédito ao aprofundamento. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MÜLLER, Ivo. Perspectivas para uma nova Teologia da Criação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

- NOVAES, Adauto (Org.). *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PAGELS, Elaine. *Adão, Eva e a Serpente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa – Portugal. Edições 70, 2000.
- _____. *Tempo e Narrativa (tomo 1) A intriga e a narrativa histórica*. Campinas, SP: 1994.
- _____. *Tempo e Narrativa (tomo 2) A configuração do tempo na narrativa de ficção*. Campinas, SP: 1995.
- _____. *Tempo e Narrativa (tomo 3) O tempo narrado*. Campinas, SP: 1997.
- SCHREINER, Josef. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Teológica, 2004.
- SCHWANTES, Milton. *Projetos de Esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- SELLIN, Ernest e FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2007.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 21ª Ed. Rev. E Ampl. São Paulo: Cortez, 2000.
- SIMKINS, Ronald A. *Criador e Criação: A natureza na mundividência do Antigo Israel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- STORNILO, Ivo e BALANCIN, Euclides M. *Como ler o livro do Gênesis: origem da vida e da história*. São Paulo: Paulus, 2005.
- SWENSON, Kristin. *Desvendando a Bíblia: como compreender o livro mais importante e falado de todos os tempos*. São Paulo: Urbana, 2010.
- TORREY, R. A. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e Reformas*. São Paulo: Vida, 2001.
- O Mundo do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 1998.
- O Novo Dicionário da Bíblia*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- PESCUMA, Derna. *Projeto de Pesquisa — O Que É? Como Fazer: Um Guia para Sua Elaboração*. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

- RAD, Gerhard von. Teologia do Antigo Testamento. 2ª ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006.
- RENDTORFF, Rolf. A formação do Antigo Testamento. 5ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. Leia a Bíblia como Literatura. São Paulo: Loyola, 2007.
- THEISSEN, Gerd. A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulinas, 2009.
- TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- _____. Dinâmica da fé. 3. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1985.
- VANHOOZER, Kevin J. Há um significado neste Texto? Interpretação Bíblica: Os Enfoques Contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.
- VASCONCELLOS, Pedro Lima. Fundamentalismos. Matrizes, presença e inquietações. São Paulo: Paulinas, 2008.
- WEBER, Max. Ciência e Política. 19 ed., São Paulo: Cultrix, 2011.
- ZILLES, Urbano. Filosofia da religião. (Coleção Filosofia) São Paulo: Paulus, 1991.